

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Vitor Tesler de Souza

**Pra Ontem e Amanhã:  
canções de um porto-alegrense**

Porto Alegre  
2023

Vitor Tesler de Souza

**Pra Ontem e Amanhã:  
canções de um porto-alegrense**

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre  
2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Tesler de Souza, Vitor  
Pra Ontem e Amanhã: canções de um porto-alegrense /  
Vitor Tesler de Souza. -- 2023.  
79 f.  
Orientadora: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto  
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Música. 2. Canção. 3. Composição. 4. Produção  
Fonográfica. 5. Porto Alegre. I. Prass, Luciana,  
orient. II. Título.

À minha mãe, Miriam Tesler: que me ensinou a  
escutar o mundo.  
Ao meu irmão, Pedro Tesler: meu sócio de vida e  
parceiro de arte.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Luciana Prass, por abrir as portas da universidade não só pra mim, mas para a música popular. Por ser uma excelente pessoa, professora e amiga. Pela leveza dos encontros e o incentivo a sempre ir além, fazendo o que se gosta. Por mostrar que a simplicidade é complexa e admirável. À Professora Ana Fridman, por responder as perguntas por muitos dias sem respostas. Por mostrar que não existe conteúdo sem didática. Pelos momentos divertidos e pela leveza dos momentos críticos. À Professora Caroline Abreu, pelo incentivo a abraçar meus gostos e repertórios pessoais e trazê-los para o ambiente acadêmico, pela parceria e transparência cotidianas. Ao Professor Matheus Kuschick, pela quebra, ainda que momentânea, da nossa bolha musical, e por me apresentar de maneira tão bonita Luis Vagner Guitarreiro e uma cultura local riquíssima. Aos professores Felipe Hauser, Gustavo Ambros e Fernanda Zanin, que fazem parte da minha trajetória musical, assim como aos amigos músicos com quem sempre partilhei experiências: Pedro Poffo, Diogo Henkin, Eduardo Oliven, Eduardo Meireles e Marcelo Meireles. Ao Fino (Gabriel Batista) que sempre foi meu parceiro musical desde antes do curso e me acompanhou durante todo o processo. Agradeço as minhas amizades de longa data, que sempre estiveram comigo e que também são parte disso: Abilho, Dudsker, Gabi, Rafa, Sofi, Pedrinho, Fi, Rubim, Luia, Baron e Jonas - esse trabalho também só foi possível graças a eles. Meu agradecimento especial ao amigo e músico Gustavo Soibelman, que foi meu acompanhante na prova específica da UFRGS, início dessa jornada. Agradeço às pessoas que fazem parte ou são inspiração das letras aqui presentes: Pedro Tesler, Brisa Verardi, Julia Helale e Hannah Rubinstein. À Brisa agradeço principalmente ao apoio durante o desenvolvimento do trabalho escrito e das gravações. Agradeço ao Kity Poffo, pelas aulas e pela amizade. Pelos conselhos e pela experiência de viver da música. Pela participação indireta na composição desse trabalho e de maneira direta na gravação dos sopros (saxofone e flauta) de mais de uma faixa. Agradeço também ao Márcio Pêxi, pela parceria na gravação da bateria de Laranja com Maracujá. Ao André Bocchese, pela prontidão na gravação do violão, ao Fábio Cabelinho, pela gravação do cavaco e ao Antonio Olivé, por gravar com muita habilidade as percussões de Samba do Atrache. Ao Rodrigo Hirsch, pela preparação vocal e auxílio nos arranjos

vocais de Aqui ou Lá. A todos os músicos que compraram minha ideia e aceitaram participar desse projeto minha sincera gratidão e certeza de que sem vocês não seria a mesma coisa. Agradeço a Dy Ferranddis pelo auxílio na gravação no Centro Cultural da UFRGS e pelo processo de gravação de “Pomba de POA”, assim como pela amizade e parceria em outros vários projetos. Aos meus colegas, que viraram amigos, e que me acompanharam na jornada e tornaram-a mais leve, seguimos juntos para as caminhadas futuras. Agradeço aos produtores que fizeram esse projeto sair do papel: Ao Antonio Chaves, pela produção de Última Vez. Por possibilitar o diálogo com esse idioma musical que eu tanto admiro e me identifico - o funk. Por fim um agradecimento especial ao Duda Raupp, que tratou essa ideia com tanto carinho e possibilitou a consolidação desse EP. Com uma sensibilidade ímpar, conseguiu entregar tudo o que eu queria e mais um pouco para as minhas composições. Nada nesse mundo se constrói sozinho, então tenho muito orgulho de olhar para todos esses nomes e ter certeza de que eu nunca estive só. Meu mais profundo e sincero obrigado.

“Tudo vende: feijão, [...] tijolo, sabonete... Agora falando em arte: a arte tem que ser ligada ao eterno”.

Luis Vagner Guitarreiro  
(entrevista ao programa Gema, 2016)

## RESUMO

Este Projeto de Graduação em Música Popular é a documentação de um EP de sete canções de composição própria. As músicas que compõem esse trabalho versam sobre minhas vivências, paixões, frustrações e conexão com o ambiente ao redor. Com o intuito de valorizar nossas paisagens e cultura, não tento disfarçar as expressões locais - Porto Alegre, RS - Brasil - e os lugares reais que fazem parte de minha vida. Nele utilizo o vocabulário porto-alegrense e cito os lugares e costumes que são mais queridos por mim. Assim como fizeram muitos outros compositores, principalmente das regiões sudeste e nordeste, quero admirar e saudar o nosso lar, conectando a arte ao tangível. As canções deste EP foram escritas durante o período de minha graduação, entre 2019 e 2022. Através das canções, consigo expressar interesses, sentimentos, inquietudes, dúvidas e certezas, o que nem sempre é possível através da fala ou da escrita.

Palavras-chave: Música, Música Popular, Produção Fonográfica, Composição, Canção, Porto Alegre.



## LISTA DE IMAGENS

Foto no primeiro ano de estudo do violão, 2010.....	p. 10.
Foto do festival “Música Para Todos” (festival de música do CIB), 2012.....	p. 11.
Foto da gravação de “Minha Princesa” no Estúdio Soma, 2012. ....	p. 12.
Foto do caderno da letra de “Aqui ou Lá”, 2021.....	p. 36.
Foto do caderno da letra de “Quarto Vazio”, 2022.....	p. 38.
Foto do caderno da letra de “Pomba de POA”, 2020.....	p. 48.
Registro de gravação em 03/03: Antônio Olivé na percussão, 2023.....	p. 64.
Registro de gravação em 10/03: André Bocchese no violão, 2023.....	p. 64.
Registro de gravação em 13/03: Kity Poffo na flauta e Duda Raupp na produção, 2023.....	p. 65.
Registro de gravação em 15/03: Fábio Cabelinho no cavaco e Duda Raupp na produção, 2023.....	p. 65.
Registro de gravação em 16/03: microfone e mesa usadas na gravação (produtora Sick Skunk), 2023.....	p. 66.
Registro de gravação em 17/03: microfone usado para captação da voz no Estúdio Nektar, 2023.....	p. 67.
Registro de gravação em 17/03: compressor usado para captação da voz no Estúdio Nektar, 2023.....	p. 67.
Registro de gravação em 20/03: sala de gravação do Estúdio Nektar, 2023.....	p. 68.

## SUMÁRIO

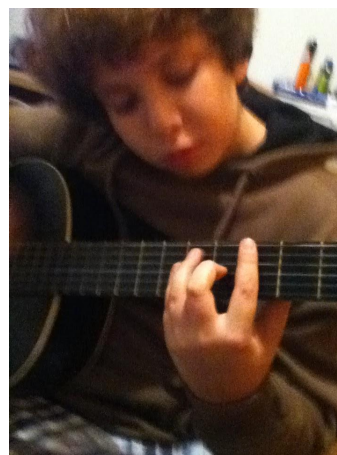
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>p.10.</b>
<b>1. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>p.15.</b>
1.1. O curso de Música Popular da UFRGS.....	p. 15.
1.2. A escolha da produção fonográfica como projeto de graduação. p.	16.
1.3. A ambientação e as referências.....	p. 18.
<b>2. PROCESSO DE COMPOSIÇÃO.....</b>	<b>p. 20.</b>
2.1. A composição como prática antiga.....	p. 20.
2.2. A faculdade e a composição.....	p. 21.
2.3. Porto Alegre como referência e plano de fundo.....	p. 24.
<b>3. AS CANÇÕES.....</b>	<b>p. 26.</b>
3.1. Romance no Centro Histórico.....	p. 26.
3.2. Laranja com Maracujá.....	p. 32.
3.3. Aqui ou Lá.....	p. 36.
3.4. Quarto Vazio.....	p. 38.
3.5. Última Vez.....	p. 40.
3.6. Samba do Atraque.....	p. 43.
3.7. Pomba de POA.....	p. 47.
<b>4. PROCESSO DE GRAVAÇÃO.....</b>	<b>p. 50.</b>
4.1. Pré- Produção.....	p. 50.
4.2. Horas de estúdio I - As canções.....	p. 53.
4.3. Horas de estúdio II - gravações e participações.....	p. 63.
4.4. Mixagem e masterização.....	p. 69.
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>p. 70.</b>
<b>FICHA TÉCNICA.....</b>	<b>p. 72.</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>p. 75.</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>p. 77.</b>

## INTRODUÇÃO

Apesar de só começar a estudar violão aos 12 anos, tive contato com a música desde sempre. Devo essa musicalização desde cedo à minha mãe, Miriam Tesler, que influenciou grande parte do que viriam a ser meus gostos musicais. Formada em Artes Cênicas pela UFRGS, Miriam foi atriz durante muitos anos, e sempre esteve em contato com o meio artístico e cultural. Fez peças como “Cabeça Quebra-Cabeça”, “Bailei na Curva” e “O Rei Da Vela”, quando ganhou o Prêmio Açorianos de melhor atriz coadjuvante em 1982. Tocou um pouco de violão na adolescência e sempre teve facilidade com o canto, apesar de não ter desenvolvido a função profissionalmente. Em seu círculo de amizade sempre figuraram várias pessoas ligadas à música, o que a fazia se manter perto do nicho musical nacional e mais ainda do porto-alegrense. Até hoje ela desempenha um papel fundamental na minha relação com a música, seja com o apoio incondicional às minhas escolhas ou com o compartilhamento mútuo de novas ou antigas canções e artistas.

No Colégio Israelita Brasileiro, onde estudei dos 3 aos 17 anos, sempre tive interesse quando aconteciam atividades relacionadas à música, e desde cedo demonstrei afinidade com esse campo do conhecimento, como mostram algumas fitas antigas gravadas pela minha mãe em uma filmadora antiga, nas quais com três anos de idade recém completos e ainda sem fluência na fala, eu já cantava as músicas ouvidas em casa e na escola com inesperada afinação. Mesmo com esse interesse desde cedo, não participei na primeira infância de nenhum tipo de estudo específico na área musical.

Em 2009, meu irmão mais velho, Pedro - com 14 anos na época - decidiu fazer aulas de violão, e eu, como bom irmão mais novo, quis fazer também. Durante pouco menos de um ano tive aulas semanais de violão com o professor e então graduando em Música na UFRGS Felipe Hauser. Depois de aprender execuções básicas no violão, consegui explorar mais minha relação com a música, e a partir de 2010 comecei a criar composições musicais.



*(em 2010, os primeiros acordes)*

No período de 2010 a 2012, escrevi cerca de 15 canções. Em 2011 e nos dois anos seguintes aconteceram festivais de música na escola onde eu estudava, nos quais tive a oportunidade de apresentar algumas dessas composições. Nos dois primeiros anos, a banda da qual eu fazia parte conquistou o primeiro lugar do concurso, além do terceiro lugar em 2013<sup>1</sup>.



*(Festival “Música Para Todos” do Colégio Israelita Brasileiro, em 2012)*

Uma das músicas apresentadas nos festivais (“Minha Princesa”) foi gravada em 2012 no Estúdio Soma com a já extinta banda “Influxo Moral” (Gabriel Batista - baixo, Pedro Poffo - bateria, Eduardo Oliven - guitarra)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Vídeo disponível em: <https://youtu.be/o3gkE-ouXyY>.

<sup>2</sup> Áudio disponível em: <https://soundcloud.app.goo.gl/2DU4a>.



(Gravação de “Minha Princesa” no Estúdio Soma, Porto Alegre, em 2012)

Além das composições individuais, nessa época eu tive a oportunidade de praticar a composição temática coletiva e de paródias, no movimento juvenil do qual eu fazia parte, chamado *Chazit Hanoar* - movimento juvenil de educação judaica não formal. Lá era comum utilizar a música como ferramenta de aprendizado sobre os mais diversos temas: eu e meus colegas costumávamos ter muita facilidade em nos apropriar de variadas músicas para substituir suas palavras a fim de falar do nosso cotidiano ou sobre temas específicos com função educativa. Essa prática contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento da minha prática de composição de canções.

Em 2013, com 16 anos e a proximidade com o vestibular, a escola fez uma pesquisa sobre intenções de curso, como parte de um programa de “mini-estágios”, nos conectando com ex-alunos que atuavam, na época, na área em que pretendíamos estudar. Durante algumas semanas acompanhei o professor da UFRGS, Dr. Daniel Wolff, em suas aulas e gravações. Apesar da grande experiência vivenciada, por algum motivo que não consigo explicar atualmente, no ano de 2014 me formei no Ensino Médio, e em janeiro de 2015 prestei vestibular para Ciências Econômicas. Acredito atualmente que a pressão que a escola e a sociedade deposita nos estudantes em seu último ano de escola foi determinante para a minha opção, apesar de não ser uma exigência por parte da minha família.

Durante 2016, fiz um curso de educação em Israel representando o movimento juvenil do qual eu fazia parte. Nos 10 meses que estive lá, entendi a música não só como uma ferramenta de ensino, mas voltei a pensar na possibilidade da música como objeto de estudo. Apesar desse pensamento, depois de voltar da viagem, em 2017, dei mais uma chance para a Economia. Nesse período não compus muitas músicas em âmbito pessoal, porém foi um período de muita produção musical para a *Chazit*, já que eu estava envolvido na coordenação do movimento.

Em 2018, depois de 3 semestres tentando dar chance às Ciências Econômicas, decidi fazer novamente o vestibular da UFRGS, desta vez para Bacharelado em Música, com ênfase em Música Popular. Ponderei sobre a possibilidade de fazer a prova prática de ingresso ao curso tocando violão ou cantando, e percebi que meu conhecimento intuitivo (até então) do canto superava o meu conhecimento e prática do violão, apesar das aulas cursadas anos antes. O conhecimento intuitivo, porém, não seria suficiente, então procurei fazer aulas de canto, principalmente para enfrentar o temido solfejo e a leitura à primeira vista.

Procurei então orientação e fiz aulas de canto com Gustavo Ambros, com Fernanda Zanin de canto e percepção musical e com Raquel Pianta, para preparação para a Prova Específica. Estudei teoria musical através do livro *Teoria da Musica*<sup>3</sup>, além de cursos e vídeos na internet e da ajuda do amigo Gabriel Batista, pianista e baixista, que também faria a prova naquele ano (2018). Escrevi as partituras e cantei as músicas “Deixa a Menina” (Chico Buarque)<sup>4</sup> e “*Pesek Zman*” (*Arik Einstein*)<sup>5</sup> acompanhado do amigo e pianista Gustavo Soibelman.

Ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano letivo de 2019, cursando Bacharelado em Música Popular. No primeiro semestre do curso, fiz a disciplina de Prática Musical Coletiva com a professora Luciana Prass, que desde a banca da prova específica, abriu as portas da faculdade para mim com muito carinho e receptividade. A cadeira em questão me fez ter

---

<sup>3</sup> MED, Bohumil. *Teoria da música*. Brasília: MUSIMED, 1996.

<sup>4</sup> Partitura disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1dMJ5qRC1n62E48EhP7UWS57q5ilJV0Vy/view?usp=sharing>.

<sup>5</sup> Partitura disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/17-vFFd1yoTqW9JijVd76Cv8ID2shCJ-/view?usp=share link](https://drive.google.com/file/d/17-vFFd1yoTqW9JijVd76Cv8ID2shCJ-/view?usp=share_link).

a certeza de estar no caminho e lugar certos. Ao longo do semestre, tocamos músicas nunca antes ouvidas por mim, instrumentos com os quais não estava acostumado e executei abertura de vozes, sendo um grande desafio para mim pois nunca havia praticado essa técnica anteriormente.<sup>6</sup>

Em determinado momento do semestre, a Professora Luciana convidou Mateus Kuschick<sup>7</sup>, que realizava seu Estágio de Pós-Doutorado na UFRGS, para co-ministrar algumas aulas da turma. O Professor Mateus trouxe seus conhecimentos da música Angolana, onde estudara durante o período de seu doutorado-sanduíche, levando inclusive um grande mapa do continente africano para o estúdio Soma. Foi de grande importância na assistência vocal e aos sopros também. Nesse semestre, tive contato muitas novas influências, contatos e referências.

Ainda em 2019, fiz aulas particulares de teclado e fazeres musicais com Christian (Kity) Poffo e comecei a dar aulas de música no Colégio Marista Champagnat. As aulas de percepção com a Professora Ana Fridman foram essenciais para a compreensão de um universo no qual eu já habitava mas ainda não entendia. Na disciplina de percepção musical, aprendi a enxergar a música de outra maneira, com possibilidades infinitas. Ao longo dos anos, desde 2012, continuei escrevendo composições esporadicamente, sempre baseadas em minhas vivências. Algumas canções de protesto, outras de amor. Durante a pandemia do coronavírus, o hábito voltou a ser mais constante e me dediquei também a revisitar canções antigas, terminá-las e documentá-las da maneira correta.

E foi por tudo isso que cheguei à ideia de uma produção fonográfica como trabalho de conclusão de curso. A meu ver, nada poderia ser mais coerente para o que eu esperava da graduação em música e quais eram meus objetivos ao optar pela inscrição no vestibular. Este Projeto de Graduação em Música Popular, portanto, é a documentação de um EP de sete canções que compus ao longo do período da graduação. As músicas que compõem esse trabalho versam sobre minhas vivências, paixões, frustrações e conexão com o ambiente ao redor.

---

<sup>6</sup> Um exemplo do que produzimos nesta Prática Musical Coletiva I, em 2019/1, foi a canção "Louva a Deus" de Milton Nascimento, disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=H52dpPflto&ab\\_channel=LucianaPrass](https://www.youtube.com/watch?v=H52dpPflto&ab_channel=LucianaPrass).

<sup>7</sup> Músico graduado em Composição e Mestre em Etnomusicologia pela UFRGS.

## 1. JUSTIFICATIVA

### 1.1. O curso de Música Popular da UFRGS

A escolha de cursar o Bacharelado em Música Popular na UFRGS surgiu em um momento de muitas dúvidas pessoais e conturbações sociais. No ano de 2018, eu acabara de sair do movimento juvenil do qual fiz parte dos 6 aos 21 anos - movimento esse que tem grande influência na minha formação e visão de mundo. Além disso, eu vivenciava o término de um relacionamento amoroso, que também fez parte da minha vida por um longo período de tempo.

Em meio às crises pessoais, o país passava por uma crise coletiva. A sociedade vivenciava o primeiro ápice da divisão política que vinha se desenhando desde os atos de 2013 e fomentada pelo golpe de 2016. As eleições daquele ano me causaram as mais diversas emoções que ninguém gosta de sentir: medo, nojo e raiva. Em meio à essa mistura de estímulos diversos, tomei a decisão de trancar o curso de Ciências Econômicas e seguir o ímpeto de estudar música de maneira mais aprofundada.

Desde meu ingresso na Faculdade de Música, no primeiro semestre do longínquo 2019, percebi a real função da Universidade. Anteriormente frustrado com a Faculdade de Economia, vi na Música inúmeras possibilidades e oportunidades. Os encontros proporcionados pela convivência no ambiente acadêmico se mostraram muito enriquecedores, fossem com colegas estudantes ou com o corpo docente. A cada semana que passava, eu percebia o meu crescimento em diversos âmbitos musicais.

Ao longo dos semestres, acumulei referências teóricas e práticas que contribuíram para a criação desse trabalho. Disciplinas como Contraponto e Percepção Musical, ministradas pelas professoras Any Raquel Carvalho e Ana Fridman, respectivamente, acrescentaram diretamente no desenvolvimento da prática de criação com a qual eu já tinha contato anteriormente sem o referencial técnico que nesse momento era apresentado a mim.

A disciplina de Prática Coletiva, um dos pilares do curso, também teve grande influência no meu fazer musical. De acordo com os encontros proporcionados por esses momentos ao longo de 6 semestres, pude aprender



a me relacionar musicalmente com outras pessoas, ouvir seus conselhos, sugestões, ideias e concepções sobre a música. Foi um espaço essencial para o crescimento individual, assim como de segurança para a apresentação de composições e referências pessoais.<sup>8</sup>

Através das referências apresentadas pela Professora Luciana Prass nas cadeiras de Música Popular do Brasil pude conhecer e reconhecer a arte que existe à nossa volta e me dar conta de que a música brasileira não está apenas em um estado ou região do país. O contato com a arte gaúcha nessa disciplina me influenciou diretamente a compor com o olhar voltado para o local em que vivemos. Em um dos semestres da disciplina tive contato com o livro “Suingue, Samba-rock e Balanço”, escrito pelo professor Mateus, com quem já tinha contato através das aulas de Prática Coletiva, também com a Professora Luciana. Na leitura dessa obra, conheci uma parte essencial da história da música gaúcha e sobretudo portoalegrense.

No decorrer da graduação, tive contato com diversas possibilidades de áreas de atuação para o profissional da música. Esse contato com o mercado é de extrema importância, e apesar de ocorrer, poderia ser mais explorado, dada a abrangência de funções que um diploma de bacharelado em música popular proporciona.

## **1.2. A escolha da produção fonográfica como projeto de graduação**

No meu segundo semestre de faculdade, em 2019/2, fiz a cadeira de Prática Coletiva com a Professora Isabel. Apesar do pouco tempo decorrido do curso, ela alertava a turma a pensar no que faríamos em nossos projetos de graduação, afinal, os oito semestres que parecem muito tempo no início, passam com tamanha rapidez que o planejamento se mostra muito importante. Aquele era o último semestre que a UFRGS possuía contrato com o Estúdio Soma. No ambiente do estúdio, pudemos presenciar por vezes conversas envolvendo gravações de trabalhos de conclusão que estavam sendo realizados por alunos do oitavo semestre.

---

<sup>8</sup> Outro exemplo do semestre 2019/1, o ensaio registrado da música A Vida em Seus Métodos Diz Calma, de Di Melo, no Estúdio A do Centro Cultural da UFRGS, disponível em: [https://youtu.be/8Dbb24Lq\\_Gw](https://youtu.be/8Dbb24Lq_Gw).

Nesse mesmo semestre, na Prática com a professora Isabel, a turma tocava uma composição minha, chamada “Onde Isso Vai Chegar”. Após a realização da banca final, tivemos duas manhãs no estúdio para gravar a música em questão, com auxílio de Cassiano Lago, então técnico que trabalhava no estúdio. O processo de gravação foi muito interessante e divertido, deixando em mim a vontade de gravar mais das minhas composições e mostrá-las para outras pessoas. Além disso, foi muito simbólico para mim voltar a gravar uma composição própria no mesmo estúdio onde sete anos antes eu havia feito minha primeira gravação.

A partir de então, a ideia da produção fonográfica como projeto de graduação foi tomando forma. Porém, apesar do intuito de realizar esse projeto, ainda faltavam as principais questões: as composições em si, além de um conceito que unisse as canções: que fizesse sentido e fosse coerente como unidade.

Em 2020, com a pandemia da COVID-19, a Universidade Federal teve suas aulas suspensas por cerca de seis meses. À época, eu cursava o terceiro semestre da graduação. No semestre anterior, eu havia apresentado uma canção de minha autoria na disciplina de Prática Coletiva. Desde então, a ideia da produção fonográfica de composições próprias figurava em meu planejamento pessoal, fosse ou não como projeto de graduação. A ideia de gravar um EP com músicas escritas por mim tomava ainda mais forma com a possibilidade de gravação fora de um estúdio formal, prática que ganhava mais força nesse momento de reclusão social e maior atividade virtual.

A partir da escrita da canção “Pomba de POA” tudo mudou. Com a concepção dessa canção e relação com “Romance no Centro Histórico”, já escrita anteriormente, o conceito do EP começou a tomar forma. Antes mesmo da chegada ao sétimo semestre, eu já planejava e escrevia as canções que viriam a fazer parte do projeto, de modo que no início do ano letivo de 2022 eu já tinha seis delas prontas e devidamente relacionadas entre si. A possibilidade da realização de um show, em alternativa a produção fonográfica surgiu, mas o desejo de construção de um trabalho de estúdio prevaleceu, influenciado também pela imprevisibilidade em relação à realização de eventos presenciais em um momento pós pandêmico de abertura gradual dos espaços públicos.

### 1.3. A ambientação e as referências.

A faculdade de música foi um ambiente de contato com novas influências anteriormente desconhecidas por mim, e de maior aprofundamento nas já conhecidas. Tanto nas salas de aula quanto nos corredores, ouvi falar de artistas incríveis que não figuravam no meu campo de escuta, como Luis Vagner, Paola Kirst, Anelis Assumpção, Paulo César Pinheiro, entre outros. Em 2019, na disciplina de Música Popular do Brasil, ministrada pela Professora Luciana Prass, tive a honra de conhecer o primeiro nome dessa lista pessoalmente: Luis Vagner Guitarreiro. Através da sua fala e da sua história, fui instigado a perceber como a cena artística local é rica, e transcende a música tradicionalista e o rock, estilos que são estigmas do Rio Grande do Sul para o resto do país. Nessa mesma disciplina, assisti ao documentário “A Estética do Frio”, que colaborou com a minha ideia da valorização não só da nossa música mas da nossa região, sua geografia e culturas diversas.

Os álbuns “Simples” (1974)<sup>9</sup> e “Swingante” (2001)<sup>10</sup> de Luis Vagner dominaram os meus ouvidos no final do ano de 2019. Eu só conseguia pensar o quanto era incrível a irreverência daquele artista e o modo com que ele fazia questão de mostrar a cultura porto-alegrense em suas letras. “Lá no Partenon”<sup>11</sup>, do LP homônimo lançado em 1976, também é uma dessas músicas que exalta o lar, a família, o lugar de onde viemos. Ao mesmo tempo em que conhecia e admirava a arte local, eu reparava em artistas de outros lugares do Brasil que faziam o mesmo, falando de cidades e lugares importantes em suas vidas, como Gilberto Gil em “Aquele Abraço”<sup>12</sup>, Caetano Veloso em “Sampa”<sup>13</sup>, Tom Zé em “Augusta, Angélica e Consolação”<sup>14</sup>, Maurício Pereira em “Modão de Pinheiros”<sup>15</sup>, entre outros. Essas canções, além de exaltar lugares e costumes importantes para seus compositores, fazem com que o ouvinte sinta que conhece um pouco de uma cidade que talvez não seja a sua, ou se conecte com algum lugar que já conhece e no momento de escuta

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://youtu.be/VkRqXHAthgg>.

<sup>10</sup> Disponível em

[https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy\\_ksLhXQRyA0Wd8-ooJqJmVD8Wow2FEGzNc](https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_ksLhXQRyA0Wd8-ooJqJmVD8Wow2FEGzNc)

<sup>11</sup> Disponível em: <https://youtu.be/tRfZBYfSJ-A?t=225>.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://youtu.be/HB8vbB5ILUU>.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://youtu.be/NmXP4XQnBpw>.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://youtu.be/woEYXEzcQRE>.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nvcesy9mpDw>.

está longe.

Além das referências em relação à temática do trabalho, existem também as que contribuíram para a concepção de sua forma e sonoridade. O álbum “Tailaiala”<sup>16</sup> da Banda Choque do Magriça foi de extrema relevância para a criação da variação de estilos de meu EP. Sem um estilo definido, justamente por abrigar uma grande variedade de gêneros, o disco também é composto por letras irreverentes, característica essa que tentei impor ao meu trabalho. O álbum “Equinócio”<sup>17</sup> da banda local Expresso Livre também contribuiu para a ambientação da sonoridade local, servindo de referência em ambos os campos citados acima, assim como o disco Divisão Total e Real das Riquezas da Alma<sup>18</sup> da Banda Diretoria e “Costuras que me bordam marcas na pele”<sup>19</sup>, da também gaúcha Paola Kirst.

Acredito ser impossível listar todas as referências que fazem parte da construção desse trabalho, afinal, seria necessário listar uma infinidade de canções e artistas que fizeram parte da minha concepção e prática de fazer musical e da escrita de canções.

---

<sup>16</sup> Disponível em:

[https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy\\_n\\_hKVZ818DuG\\_WDwxoqkpr4FfmyN9v\\_h4](https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_n_hKVZ818DuG_WDwxoqkpr4FfmyN9v_h4).

<sup>17</sup> Disponível em: <https://youtu.be/5Zk3slhmm1Q>.

<sup>18</sup> Disponível em:

[https://youtube.com/playlist?list=PLqOS.JYcpO5QCd1c\\_mAG6YOXaDodns0w\\_M](https://youtube.com/playlist?list=PLqOS.JYcpO5QCd1c_mAG6YOXaDodns0w_M).

<sup>19</sup> Disponível em: <https://youtu.be/yr9EPeys8HI>.

## 2. PROCESSO DE COMPOSIÇÃO

### 2.1. A composição como prática antiga

Antes mesmo de começar a estudar violão, em 2009, eu já tinha o hábito de compor pequenos trechos de música. Todas essas pequenas músicas acabavam se perdendo pela falta de anotação ou gravação, nunca cheguei a registrar nenhuma delas. Eram composições que tinham vida curta mas conseguiram me emocionar e normalizar a prática. Naquele momento, era uma questão intuitiva, provavelmente uma reprodução de melodias que ficavam em minha cabeça e depois se manifestavam em conjunto com meu pensamento. Apesar de atualmente isso ainda acontecer, com o estudo de instrumento e da teoria musical, os processos acabam se tornando mais racionais e metódicos.

Além da capacidade individual para a musicalidade, sempre foi uma prática comum entre meu grupo de amigos realizar paródias. Ao longo da minha trajetória no movimento juvenil Chazit Hanoar<sup>20</sup>, muitas foram as vezes em que, em questão de minutos, trocamos rapidamente as palavras das mais diversas músicas por outras com sonoridade semelhante, a fim de discorrer sobre os mais variados assuntos. Essa prática faz atentar às letras das músicas, às possibilidades de rimas e ao funcionamento da métrica, recursos que foram importantíssimos para a continuidade do exercício de composição musical ao longo dos anos.

A partir de 2009, depois de realizar alguns meses de aulas de violão com o professor Felipe Hauser<sup>21</sup>, comecei a registrar algumas canções. Na época com 12 anos, eu já tinha mais consciência em escrever as letras que surgiam em minha cabeça e por vezes gravá-las em um gravador de fita da minha casa, que existe até hoje mas já não funciona muito bem. De acordo com a reprodução dos poucos acordes que eu sabia tocar, fui incorporando também harmonia às minhas composições. Ao longo de 2010 e 2011 escrevi e registrei cerca de 10 canções, quase todas falando sobre amor, à influência das músicas que eu ouvia na minha pré-adolescência. Com desenhos harmônicos

---

<sup>20</sup> Chazit HaNoar Hadrom Amerikait é um movimento juvenil judaico que possui organizações em Montevidéu e nas cidades brasileiras de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Então graduando em Música pela UFRGS, professor e músico natural de Porto Alegre.

simples, as canções em sua maioria utilizavam progressões consagradas em músicas pop.

Com o início da popularização do uso do smartphone em 2010, surgiu a possibilidade de fazer gravações de áudio e vídeo com maior facilidade. Algumas dessas gravações caseiras das minhas composições da época existem até hoje, como “Ele te ama”<sup>22</sup> e “Mãe”<sup>23</sup>.

Inicialmente eu não tinha nenhuma preocupação com a complexidade das canções, e fazia tudo de maneira totalmente intuitiva. Atualmente percebo nas letras muitas questões problemáticas, além de outros aspectos que eu mudaria completamente. Porém, entendo que faz parte de um processo, consigo ver as qualidades e o valor dessas canções e fico feliz em ter esses registros para poder fazer uma comparação com o meu fazer atual de composição.

Apesar de causarem desconforto, as críticas que surgiram ao longo do tempo em relação às questões de complexidade me fizeram refletir e repensar os processos. Nessa prática, foi fundamental a escuta atenta e abertura ao novo. Fui acumulando diferentes influências, nunca me fechando em qualquer nicho ou estilo específico. Assim, fui acumulando recursos mais vastos e diversos para continuar a expressar minhas vivências e sentimentos em forma de canções.

Até hoje em dia, algumas das músicas que compus nessa época são lembradas em encontros com pessoas que tiveram contato com elas naqueles anos. Essas recordações, com carinho, me fazem ter a vontade de, futuramente, gravá-las de maneira profissional, para que fiquem registradas como merecem.

## **2.2. A faculdade e a composição**

Por algum receio e insegurança que a academia pode causar, quando ingressei na faculdade escondi por algum tempo meu lado compositor. Afinal, a única canção da qual eu tinha uma gravação de qualidade, era de sete anos antes e não condizia mais com o meu fazer musical de 2019.

Em uma atividade da disciplina de Música Popular do Brasil, ministrada

---

<sup>22</sup> Gravação de vídeo disponível em: <https://youtu.be/65Sxb59RuZE>.

<sup>23</sup> Gravação de vídeo disponível em: <https://youtu.be/5utPpPx5dRE>.

pela Professora Luciana Prass, fomos incentivados a escrever uma paródia sobre a relação entre as músicas ditas populares e eruditas. Nesse momento, pude exercer minha criatividade em uma prática que pra mim era muito comum. Com a intenção de realizar algo simples, dei a ideia ao grupo de colegas de utilizarmos um funk que fazia sucesso na época - “Parado no Bailão”, do mineiro Mc L da Vinte. Surgiu então a paródia “Parado no Baião”<sup>24</sup>. Apesar da substituição forçada de algumas sonoridades e do uso exagerado do aumentativo ao final das palavras, a turma se divertiu muito. Vi nesse momento o potencial natural que existia em mim de trazer o descontraído ao ambiente acadêmico e a importância de confiar nas minhas próprias práticas e processos. Nesse momento, ficou evidente também a necessidade de trazer todos os estilos possíveis da música popular para a faculdade, afinal, não pode existir uma hierarquia cultural em um ambiente que, teoricamente, é público e democrático e deve abranger as mais diversas individualidades.

No semestre seguinte, tive a oportunidade de mostrar uma composição minha na disciplina de Prática Coletiva II, incentivado pela professora Isabel Nogueira<sup>25</sup>. “Onde Isso Vai Chegar”, uma canção de protesto feita em 2018, foi prontamente aceita e apropriada pelos colegas de turma e, juntos, construímos o arranjo da música que seria tocada durante aquele semestre. Depois da apresentação na banca avaliativa<sup>26</sup> e na Mostra das Práticas Musicais Coletivas<sup>27</sup>, na sala Qorpo Santo da UFRGS, foram disponibilizadas algumas horas de estúdio para gravarmos a canção em faixas separadas, diferentemente da gravação ao vivo, realizada no dia da banca. Apesar de termos gravado praticamente todas as partes necessárias para produzir a música, o projeto de mixagem e masterização nunca foi adiante, sendo a gravação disponibilizada abaixo, o único registro desse arranjo.

No mesmo semestre, na disciplina de Música Popular do Brasil II, pude exercer mais uma vez a prática da composição, dessa vez de uma maneira que nunca antes eu havia tentado: composição coletiva. Junto do grupo de colegas

---

<sup>24</sup> Gravação de apresentação na disciplina Música Popular do Brasil, em 2019, disponível em: <https://youtu.be/vNMVdE-Bgu0>.

<sup>25</sup> Professora da UFRGS nos cursos de graduação, mestrado e doutorado. Compositora, artista sonora, produtora musical e musicóloga.

<sup>26</sup> Registro de áudio disponível em: <https://youtu.be/AIPnVKvsceo>.

<sup>27</sup> A cada semestre letivo, ocorre a Mostra das Práticas Musicais Coletivas do Bacharelado em Música - Música Popular, da UFRGS, onde todas as turmas, de todos os semestres, apresentam publicamente suas produções.

que estudava sobre sambistas de raiz como Dona Ivone Lara, escrevemos um samba bem humorado sobre a falta de incentivo ao carnaval de rua de Porto Alegre. Como alguns membros do grupo faziam a Prática Musical Coletiva comigo, eles me incentivaram a escrever a letra, e fui recebendo auxílio de outros colegas que eu descobriria também compositores. “Samba pro Nelson” foi apresentado na sala 310, do Anexo 1 da Reitoria, em um dia que, infelizmente, por razões de saúde familiar eu não pude comparecer. Apesar disso, a música leva em sua letra muitos trejeitos e características próprios do meu fazer musical<sup>28</sup>.

Em 2022, já durante o processo de construção do Projeto de Graduação, apresentei “Romance no Centro Histórico” para a turma da Prática Musical Coletiva V, incentivado pela Professora Caroline Abreu<sup>29</sup>. Assim como em 2019, apresentei a música para a turma com um arranjo de apenas voz e violão, e juntos construímos, do zero, quais outros instrumentos iriam participar, as variações de dinâmicas e convenções. Considero esse processo quase que uma nova composição da canção, pois ela pode ganhar novas intenções e possibilidades.

Além das oportunidades de mostrar e tocar composições já existentes durante o curso de graduação e da experiência da composição coletiva, os conteúdos teóricos e práticos com os quais tive contato durante o período da faculdade, com certeza, influenciaram de maneira direta o meu processo composicional. Afinal, a maioria das canções apresentadas nesse Projeto de Graduação em Música Popular foi concebida entre os anos 2020 e 2022, nos quais os assuntos trabalhados no curso, faziam parte da minha rotina musical: as aulas de contraponto me fizeram ter mais atenção em relação às melodias que eu escolhia para dar som às palavras escritas; as aulas de harmonia e análise foram de grande aporte para a composição harmônica e pela adição de novas sonoridades às minhas composições; as aulas de percepção musical abriram novas possibilidades através do contato com diferentes escalas alternativas às convencionais. Além dessas citadas, outras disciplinas e contatos com pessoas fazem parte indiretamente do processo como um todo.

---

<sup>28</sup>Gravação de apresentação na disciplina Música Popular do Brasil, em 2019, disponível em: [https://youtu.be/l1-tHJLH\\_50](https://youtu.be/l1-tHJLH_50).

<sup>29</sup> Caroline Abreu, cantora, é professora no Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2007.



### 2.3. Porto Alegre como referência e plano de fundo

Em 08/11/1997 nasci no hospital Moinhos de Vento, localizado no bairro Floresta em Porto Alegre. Morei desde então, até 2019, no apartamento 7 do prédio de número 324 da Rua Santana, no bairro homônimo. Desde os primeiros passos pelas ruas da vizinhança, os almoços pelos restaurantes de *buffet* livre nas imediações do Parque da Redenção ou nas churrascarias da Avenida Princesa Isabel (no tempo em que eu ainda não era vegetariano), passando pelas brincadeiras na praça Major Joaquim de Queiroz, localizada ao lado da minha casa, até as caminhadas acompanhando minha mãe pelo centro da cidade, toda minha formação de memórias e identidade passa pelos lugares e costumes da capital gaúcha.

Por muitas vezes, devido à grande influência dos centros culturais do país como São Paulo e Rio de Janeiro, muitos artistas locais não imprimem em seus fazeres musicais, a localidade. O exemplo mais comum é perceber o uso do pronome “você” nas músicas de compositores gaúchos, o que me soa estranho, a não ser que seja de maneira intencional, pois o uso desse pronome aqui não é tão comum quanto o uso do “tu” e suas variações (ex: contigo x com você).

Existem algumas músicas muito populares aqui no sul do país que falam sobre cidades distantes, lugares específicos dentro dessas cidades e costumes locais. Acredito que grande parte das pessoas de Porto Alegre que conhecem a famosa música “O meu Lugar”<sup>30</sup>, de Arlindo Cruz, nunca foram ao bairro de Madureira, no Rio de Janeiro. Porém, através dessa música, o compositor consegue transportar o ouvinte, momentaneamente, para aquele espaço e apresentar sua cultura. Outro exemplo é a “clássica” “Sampa”, de Caetano Veloso, inspirada em “Ronda”<sup>31</sup>, de Paulo Vanzolini, que faz com que as pessoas que escutam a música, saibam o nome de duas grandes ruas de São Paulo, sem nunca precisarem ter ido à capital paulista. Apesar da aparente

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://youtu.be/vNK58tL6J70>

<sup>31</sup> Disponível em: <https://youtu.be/YnZZmIPrkPQ>

escassez, existem alguns compositores locais que também exaltam a cultura porto-alegrense e seus locais, como Luis Vagner, a banda Ultramen, Vitor Ramil, Nico Nicolaiewsky, Nei Lisboa, Adriana Deffenti, Marcelo Delacroix, Clarissa Ferreira, entre outros.

O contato com esses nomes, com a música que retrata a cidade em que nasci e cresci, me inspirou a fazer questão de descrever os lugares à minha volta, de contextualizar o ouvinte e transportá-lo, momentaneamente, ao espaço que eu desejo apresentar. Meu objetivo com tal ambientação é fazer com que as pessoas de outros lugares do país, que possam vir a escutar esse trabalho, conheçam ou tenham sua curiosidade despertada acerca da cidade de Porto Alegre e dos locais, por mim escolhidos, para estarem retratados nesse EP. Que as pessoas que nasceram mas não moram aqui, tenham sua memória afetiva contemplada, pelo sotaque e pelos pontos da cidade, pela sonoridade e pela imagem. E talvez o mais importante: que os moradores de Porto Alegre se reconheçam nessas narrativas, nesse ambiente e cultura.

### 3. AS CANÇÕES

#### 3.1 Romance no Centro Histórico - Vitor Tesler<sup>32</sup>

A canção “Romance no Centro Histórico” é considerada por mim o carro-chefe do EP. A partir dela, Porto Alegre foi ganhando espaço em minhas letras, tornando-se plano de fundo comum entre muitas das minhas composições que viriam a seguir. A inspiração para essa música surgiu de um encontro com uma pessoa com quem namorei durante alguns anos, já depois do término da relação. Era abril de 2019, eu acabara de começar o curso de Música Popular na UFRGS. No dia em questão, 6 de abril, acontecia a já tradicional Noite dos Museus, evento que reúne uma extensa programação cultural distribuída nos museus do centro da cidade (MARGS, Santander, Júlio de Castilhos, Casa de Cultura Mario Quintana, etc.). Como a letra sugere de maneira literal, nos dois primeiros versos, o encontro aconteceu na Praça da Alfândega, ponto central do evento, onde havia um palco montado entre os três museus que contornam a praça. As memórias da relação com aquela pessoa e as mágoas que até então estavam ainda recentes e mal resolvidas foram aparecendo como fio condutor para o desenrolar de um esboço do que seria a atual letra. Dias depois desse encontro, fui novamente ao centro, dessa vez ao Mercado Público, provavelmente para comprar algo na Macrobiótica Sauer, antiga loja de produtos naturais, lá localizada. No ônibus de volta para casa, lembrei-me do encontro e dei seguimento à construção da música.

Aqui cabe falar que, obviamente, há uma referência inconsciente à canção “Construção”<sup>33</sup>, de Chico Buarque. Desde sempre Chico Buarque foi o artista que mais escutei, então essa relação está implícita. Quando primeiro me dei conta da semelhança entre as canções, a letra ainda não estava completa. Quando havia uma estrofe escrita, que combinava as duas atuais, com algumas diferenças de versos, mostrei a música para minha família. Eles

---

<sup>32</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:  
[https://drive.google.com/file/d/1hXRZk-ZYz33-MM0ddWTH9KcZMTfd5RMI/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1hXRZk-ZYz33-MM0ddWTH9KcZMTfd5RMI/view?usp=share_link).

<sup>33</sup> Disponível em: <https://youtu.be/wBfVsucRe1w>.

gostaram, mas reconheceram logo a referência à “Construção”. Apesar de não ser a intenção deles, fiquei um pouco desanimado, achando que poderia estar cometendo alguma espécie de plágio ou imitação. Alguns meses se passaram com a canção “guardada na gaveta”. Na segunda metade do ano, enquanto ouvia o álbum “Chico Buarque de Hollanda nº 4”, me deparei com a canção “Rosa dos Ventos”<sup>34</sup>, a qual não lembrava de já ter escutado. Quando me dei conta do mesmo modelo de construção da letra explorando a acentuação das proparoxítonas, cheguei à conclusão que poderia terminar minha canção em paz, pois o próprio Chico já havia repetido o mesmo processo. Depois ainda ouvi muitas outras canções que seguem a mesma lógica.

Uma outra parte que considero importante da canção, além do uso das proparoxítonas como ferramenta de combinação, é a carga de humor que a letra carrega. O humor sempre foi muito presente em minha vida, e como todo fã de humor, também sempre gostei de fazer rir. Minha mãe sabe bem, minhas advertências e suspensões escolares não me deixam mentir. Apesar disso, antes dessa canção, ainda não havia conseguido conciliar duas áreas tão queridas por mim. Graças a influências como “Choque do Magriça” e mesmo Luis Vagner, o Guitarreiro, que era totalmente irreverente em suas gravações, vi a possibilidade de fazer rir através da música, sem precisar abrir mão da qualidade da canção, como é comum quando esse é o objetivo.

A harmonia veio através do estudo e da prática de muitos sambas-canção compostos em tom menor. A cadência ii-V-i está presente em praticamente toda a música, alternada com o desenvolvimento através do ciclo de quartas ou dominantes secundárias, recurso que é amplamente utilizado no samba, mas também em muitos outros gêneros musicais.

No ano de 2021, com a canção praticamente pronta (da maneira atual) comecei a mostrá-la para outras pessoas. A recepção foi muito boa, mas ainda tinha algo a melhorar. Tive a ideia, então, de fazer uma espécie de refrão, no qual a harmonia muda um pouco, ficando indecisa entre o sexto e o quinto grau, e em seguida voltando para a cadência já conhecida.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://youtu.be/BEjEKY-8yuw>.

O tempo entre os processos foi muito importante. Não tive pressa para finalizar a música, e isso me possibilitou criar novos caminhos, aproveitando a bagagem adquirida ao longo do curso de graduação em música. Além disso, outros encontros aconteceram depois daquela Noite dos Museus, que me fizeram escrever que eu queria que aquela tivesse sido a última vez, e o desejo de não deixar dúvidas e mal-entendidos. Em 2022, tive a oportunidade de levar essa música para a cadeira de Prática Musical Coletiva V, sob orientação da Professora Caroline Abreu, como mencionei acima. A turma abraçou a ideia e contribuiu para a criação de um arranjo com vozes, percussões, trompete, violões e baixo. No processo de prática da canção, ela ganhou seu nome atual, nomeada pela colega Laura Schenkel. A música foi gravada no estúdio do Centro Cultural da UFRGS e apresentada na Mostra das Práticas Musicais Coletivas de 2022/1, em 06 de outubro de 2022, na sala Qorpo Santo<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Vídeo da performance ao vivo disponível em: <https://youtu.be/erupLHkH4wA>.



Bb6 A7

Queria que essa vez fosse a última

Bb6 A7

Queria não deixar nenhuma dúvida

Bb6 A7

Mas te vejo na Usina do Gasômetro

Em7(b5) A7/b13 Dm

E sempre lá na Rua da República

Em7(b5) Bb6 A7 Dm

Ali na correria do Mercado Público

Dm/C Bb6

Eu e tua vó comprando dietéticos

Em7(b5) A7/b13 Dm

Barato o quilo do biodinâmico

D7 Gm

Até bateu saudade dessa época

C7 F

Dançando funk no ponto de ônibus

Bb Em7(b5)

Fudendo dentro do banheiro químico

Bb6 A7 Dm

Um nojo e a gente achando o máximo

D7 Gm

E hoje me sinto tão apático

C7 F

Ainda que eu cante nesse tom nostálgico

Bb Em7(b5)

Não resta nada se não mágoa e dívida

Bb6 A7 Dm

E uma dor chata no nervo ciático

Bb6 A7

Queria que essa vez fosse a última

Bb6 A7

Queria não deixar nenhuma dúvida

Bb6 A7

Mas te vejo na Usina do Gasômetro

Em7(b5) A7/b13 Dm

E sempre lá na Rua da República



### 3.2. Laranja Com Maracujá - Vitor Tesler<sup>36</sup>

Essa é uma canção que fala sobre a paixão, recomeços, novos ares. Foi uma composição feita no início de 2022, momento de início de retomada das atividades presenciais de maneira definitiva. Fala sobre o Parque da Redenção, o qual eu sempre tive um enorme carinho e identificação, já que morei toda a minha vida nas imediações do parque. A canção descreve os principais sentimentos que a Redenção inspira: paz, liberdade e amor. O contato com a natureza mesmo que cercada pela urbanização feroz e as constantes tentativas de desconfiguração desse espaço público.

Na letra, são encontradas algumas imagens e costumes de Porto Alegre. Em determinada época do ano, ao andar pela cidade, é possível encontrar tapetes coloridos compostos por flores de ipês caídas ao chão. A bergamota, fruta que só é chamada assim no Rio Grande do Sul, aparece como um elemento inesperado, mas que é totalmente coerente com a ambientação do outono no Parque Farroupilha, e pode-se dizer que é um dos cheiros característicos do outono e inverno gaúchos. Outro elemento que figura como central na canção é o suco de laranja com maracujá, um dos mais pedidos na tradicional Lancheria do Parque<sup>37</sup>, situada em frente ao parque.

Além da mistura das frutas no suco, a canção fala sobre - e mostra na prática - as misturas dos estilos musicais que me são influências, nesse caso o reggae, o xote e o dub. Aqui, assim como em “Romance no Centro Histórico”, é possível ouvir essa mistura de estilos que caracteriza o EP como um todo, em uma só música, abrangendo suas características e idiomatismos. Ao mesmo tempo em que é totalmente perceptível a mudança de estilos da estrofe para o refrão, são estilos que têm uma acentuação em comum, ambos tendo o segundo tempo do compasso como o mais forte.

A canção cita o carnaval da Redenção - mais precisamente os ensaios abertos do Bloco da Laje<sup>38</sup>, que costumam acontecer nos domingos, entre os meses de outubro e janeiro. Esses ensaios, no espaço da Redenção, são uma

---

<sup>36</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:

[https://drive.google.com/file/d/14Qxhu-UaCyrN7n\\_vJeVZkdCecdWNjH06/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/14Qxhu-UaCyrN7n_vJeVZkdCecdWNjH06/view?usp=share_link)

<sup>37</sup> Lanchonete localizada no bairro Bom Fim, em frente ao Parque Farroupilha, considerada um dos estabelecimentos mais tradicionais de Porto Alegre.

<sup>38</sup> Coletivo artístico que realiza intervenções carnavalescas, musicais e dramáticas. Canal disponível em: <https://www.youtube.com/@BlocodaLaje/about>.

manifestação artística de enorme importância, visto a desvalorização e a falta de apoio da Prefeitura ao carnaval de rua. Além disso, é um espaço democrático de celebração e liberdade.

intro: Em Am D D#° Em B7

Em

Am

Flores que caem das árvores da Redenção

D

D#°

Em

B7

Pintam de terra e de rosa o outono no chão

Em

E7

Am

O céu pelado de nuvens sem nenhum pudor

D

D#°

Em

E o vento gelado espalhando o perfume de um novo amor

F#m7(b5)

A7

Em

B7

Ou será que é bergamota?

Em

E7

Am

O som dos tambores de um antigo carnaval

D

D#°

Em

Ainda ressoam como se o mundo ainda fosse normal

F#m7(b5)

A7

Em

E7

Coisa que já não é há horas...

Am

D7

G

C7

Há horas que a vida promete e eu vivo esperando

F#m7(b5)

C7

B7

Em

E7

Há horas em que o mundo esquece de como girar

Am

D7

G

C7

O tempo oferece suas horas de vez em quando

F#m7b5

C7

B7

Em

B7

De tempos em tempos alguns instantes a mais

Em

Am

As coloridas figuras esparramadas na grama

D

D#°

Em

O verde vibrante dos bancos e um copo de suco por terminar

Am

D

D#°

O gosto de uma paixão, o doce do beijo, mas se bobear

F#m7(b5) B7 C7 B7 Em E7

Talvez seja apenas o gosto daquele laranja com maracujá.

Am D7 G7 C7 F#m7(b5)

Tô esperando tu chegar, laranja com maracujá

C7 B7 Em E7

Quero te misturar, mas cadê?

Am D7 G7 C7 F#m7(b5)

Tô esperando tu chegar, laranja com maracujá

C7 B7 Em B7

Eu quero te provar, mas tu não vem

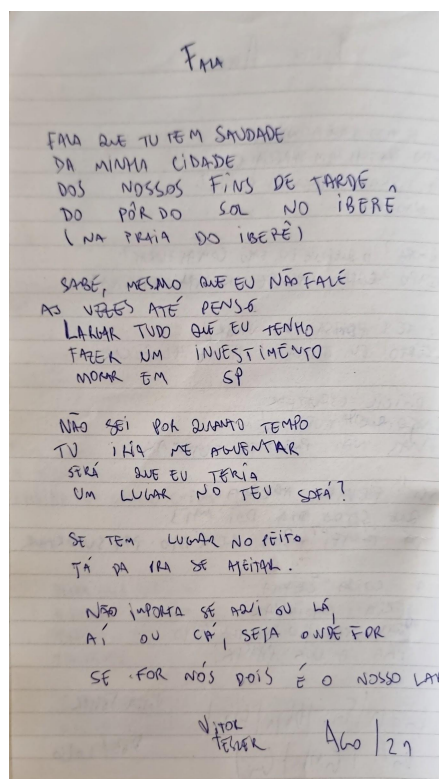
### 3.3. Aqui ou Lá - Vitor Tesler<sup>39</sup>

Assim como as outras faixas do EP, nessa música é possível observar referências objetivas a lugares específicos de Porto Alegre: a Fundação Iberê Camargo, a Rua das Andradas e o bairro Menino Deus. O pôr do sol no lago Guaíba, principal cartão postal de Porto Alegre, também é uma figura que compõe essa canção, além da cultura dos restaurantes de buffet livre, que existem aos montes pelas ruas da nossa cidade.

A letra é construída a partir da lembrança de um antigo relacionamento a distância, entre duas pessoas que moram em cidades diferentes: uma em Porto Alegre e outra em São Paulo. A música fala sobre o desejo - ou pelo menos a ponderação - da mudança de cidade. A ideia de morar na maior capital do país, portanto seu centro cultural, e tentar uma visibilidade maior, a partir de diferentes interações e possibilidades. Dado esse contraponto entre as pessoas e as cidades, na parte da letra que não aparece na imagem do caderno, a qual foi escrita posteriormente, cito lugares da capital paulista: a Avenida Paulista e o bairro de Pinheiros, influenciado pela música Modão de Pinheiros, do compositor Maurício Pereira.

Em contrapartida a esse desejo de mudança, falo sobre o apego ao lar, a Porto Alegre, aos seus lugares e seu jeito de falar: faço questão do emprego do pronome “tu”.

De maneira geral e mais resumida, a canção fala sobre o amor - aqui ou lá -, independente de onde os amantes estejam. Retrata a distância, a saudade e o desejo de estar perto de quem se ama.



(foto da letra original em um caderno de composições)

<sup>39</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:  
[https://drive.google.com/file/d/1MxOLIPN8-Lc\\_NGejIKVgO80kqtflauQRL/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1MxOLIPN8-Lc_NGejIKVgO80kqtflauQRL/view?usp=share_link).

intro: D7M/9 G9 D7M/9 G9

D7M/9 G9

Fala,

D/F# B4/7/9

Que tu tem saudade

B7/9b Em7/9 F#m4

Da minha cidade,

Em7/9 G9

Dos nossos fins de tarde

A7/9 D7M/9 G9

Na praia do Iberê

D7M/9 G9

Sabe,

D/F# B4/7/9

Mesmo que eu não fale,

B7/9b Em7/9 F#m4

Às vezes até penso

Em7/9 F#m4

Fazer um investimento,

Em7/9

Vender tudo que eu tenho

G9 A7/9 D7M/9 D7/9b

Morar em SP

Em7/9 F#m4

Não sei por quanto tempo

Bm B7/9b

Tu iria me aguentar

G9 A7/9 D7M/9 D7/9b

Nem se teria espaço no teu sofá

Em7/9 F#m4

Se tem lugar no peito

Bm B7/9b

Já dá pra se ajeitar

Em7/9 F#m4

Não importa se aqui ou lá,

B4/7/9 B7/9b

Aí ou cá, seja onde for

G9 A7/9 D7M/9 G9 D7M/9

Se for nós dois é o nosso lar

Em7/9 F#m4

Vamos passear pela Paulista ou pela Andradas

C9

Tu pode escolher

Em7/9 F#m4

Sentar numa padoca ou num buffet livre

G9 A7/9 D7M/9 G9 D7M/9

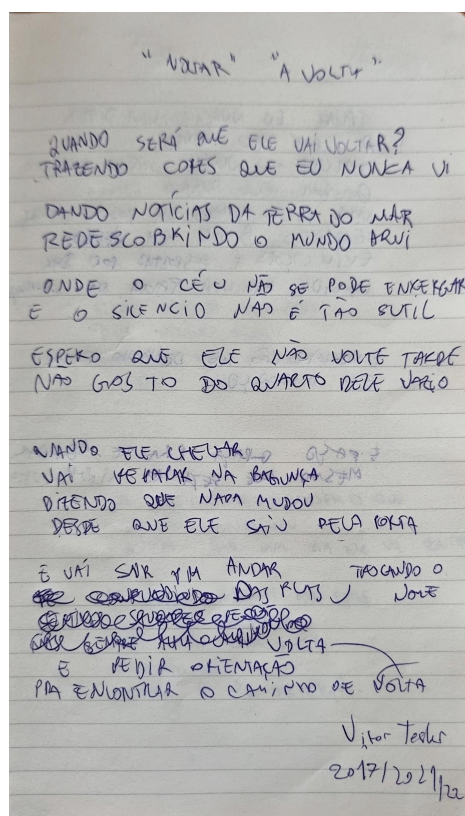
No bairro de Pinheiros ou Menino Deus

### 3.4. Quarto Vazio - Vitor Tesler<sup>40</sup>

Essa música retrata um período em que meu irmão Pedro estava morando na Índia. Devido a nossa proximidade de idades, desde que nasci estivemos sempre juntos, inclusive dividindo o mesmo quarto por muitos anos. Nesse momento de distância, a música retrata a saudade de alguém próximo, mas também as experiências diversas que essa pessoa vivencia no desconhecido.

Fala sobre a volta pra casa, ao lugar que nascemos e que temos apego e as pessoas que gostamos, que compõem o nosso lar. No momento da volta, ao mesmo tempo em que existe toda uma bagagem de novas vivências e elementos culturais, há o momento de reconhecimento das coisas mais cotidianas como a bagunça da sua casa ou o nome das ruas da sua cidade - aqui falo um pouco sobre esse choque de realidades e preocupações.

Na melodia, procuro demonstrar os novos elementos que podem vir de lugares distintos, através do uso da escala menor harmônica, sonoridade que é muito comum na música oriental (árabe, indiana). Em contraponto a esse olhar pra fora, a repetição das estrofes e a ausência de refrão procura demonstrar o valor do conhecido, a simplicidade da rotina, o choque mencionado acima, em voltar pra casa e perceber que a rotina da sua família e da sua cidade seguem praticamente sem alterações.



(foto da letra original em um caderno de composições)

<sup>40</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:

[https://drive.google.com/file/d/1Z3AXn-QzA5R1DnLmYxY77rcWleH8-NLh/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1Z3AXn-QzA5R1DnLmYxY77rcWleH8-NLh/view?usp=share_link)

Dm Em7(b5) A7 Dm

Quando será que ele vai voltar?

Gm A7 Dm

Trazendo cores que eu nunca vi

Em7(b5) A7 Dm

Dando notícias da terra do mar

Gm A7 Dm

Redescobrimo o mundo daqui

Em7(b5) A7 Dm

Onde o céu não se pode enxergar

Gm A7 Dm

E o silêncio não é tão sutil

Em7(b5) A7 Dm

Espero que ele não volte tarde

Gm A7 Dm

Não gosto do quarto dele vazio

Em7(b5) A7 Dm

Quando ele chegar

Gm A7 Dm

Vai reparar na bagunça

Em7(b5) A7 Dm

Dizendo que nada mudou

Gm A7 Dm

Desde que ele saiu pela porta

Em7(b5) A7 Dm

E vai sair pra andar

Gm A7 Dm

Trocando o nome das ruas

Em7(b5) A7

E pedir orientação

Dm Gm A7 Dm

Para encontrar o caminho de volta



### 3.5. Última Vez - Vitor Tesler<sup>41</sup>

Essa canção foi uma das últimas a serem escritas para o EP, e me gerou dúvidas quanto à inclusão dela, ou não, nesse projeto. A música foi escrita em junho de 2022, sem o intuito de citar explicitamente algum lugar de Porto Alegre. Porém, depois de uma aula na disciplina de Composição da Canção, com o Professor Luciano Zanatta<sup>42</sup>, cheguei à conclusão de que essa música era fundamental para a composição do EP. A minha vontade sempre foi construir um trabalho que abrangesse a maior quantidade possível de gêneros musicais, combinando minhas influências e referências, e habitando nesse espaço, tão comum hoje em dia, que é a ecleticidade. O funk sempre foi uma grande referência para mim, desde MC Marcinho e “Furacão 2000”, até Anitta e MC Kevin o Chris. Mais uma vez utilizo aqui o recurso do humor, em contraste com o sofrimento em relação à frustração amorosa.

A letra fala sobre os términos e as voltas, ainda que momentâneas, dos relacionamentos. Nela, cito o inverno de Porto Alegre, tão característico por ser um dos mais frios do país. Falo aqui sobre as noites de inverno na cidade, sobre os costumes locais, sobre o funk - que tem muito espaço aqui, ao contrário do que se pode pensar. Trago na letra, na melodia e no arranjo, a mistura de influências do funk de outros lugares do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Mais uma vez aqui, além de versar sobre o amor e o desejo, imprimo a fala local - as expressões, o sotaque - sem intenção de forçar um vocabulário, tendo orgulho de como se fala e sabendo que, apesar da mistura de influências de outros lugares, posso fazer do meu jeito, contemplando as minhas individualidades e vivências reais.

---

<sup>41</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:  
[https://drive.google.com/file/d/1\\_j6jgY3qnwVnnZNmAfUtaEK0ACGzJj57/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1_j6jgY3qnwVnnZNmAfUtaEK0ACGzJj57/view?usp=share_link).

<sup>42</sup> Instrumentista, arranjador, compositor e professor do Instituto de Artes da UFRGS.

Intro: Dm

Bb7 A7  
 Fecha a janela,  
 Dm  
 O inverno chegou  
 Bb7 A7  
 Acende a vela e vem  
 Dm D7  
 Pra debaixo do meu cobertor  
 Gm A7 Dm  
 Foi aqui que a gente marcou de se encontrar  
 Bb A7 Dm  
 Porque a gente se entende mais do que em qualquer lugar

Dm  
 Foi o frio que me fudeu,  
 Bb  
 Se não fosse isso eu  
 A7 Dm  
 Não deixava tu voltar  
 Bb  
 Não deixava ter talvez,  
 A7  
 Seria a última vez  
 Dm  
 Dessa semana

Dm  
 É foda  
 Bb  
 Se eu vejo ela me olhando  
 A7  
 E cantando em inglês  
 Dm  
 Gostosa  
 Bb  
 Por um momento  
 A7  
 Eu até esqueço que é minha ex

Dm  
 É foda

**Bb**  
Se eu vejo ela me olhando  
**A7**  
E cantando em inglês  
**Dm**  
Gostosa  
**Bb**  
Por um momento  
**A7** **Dm**  
Esqueço até os motivos pra ser ex

### 3.6. Samba do Atrache - Vitor Tesler<sup>43</sup>

Esse samba, bem-humorado, fala, de maneira descontraída, sobre um assunto sério: a eterna e inútil guerra às drogas - política de estado que nada mais é do que um pretexto para encarceramento em massa de uma população específica, baseado em sua classe social e cor da pele. Apesar do tom cômico, a música fala sobre privilégios, sobre o abuso de autoridade e a criminalização da maconha.

De encontro à seriedade do tema, a letra fala também sobre amizade, lazer, sobre o litoral norte do Rio Grande do Sul e a saída de Porto Alegre durante o verão.

A letra descreve uma abordagem policial ostensiva sofrida por mim e outros três amigos, em dezembro de 2021. Inspirada nos fatos ocorridos, tomo a liberdade de criar algumas frases e situações absurdas, que retratam o meu sentimento em relação à situação.

A principal referência tomada como base para a composição dessa música são os sambas descontraídos de Bezerra da Silva, que também tratam do tema da polícia e das drogas. Com um refrão que repete muitas vezes, diferentemente da maioria das músicas desse projeto e seguindo a característica do samba de partido alto, existe o intuito de incentivar o ouvinte a cantar junto, participando da história da canção e seguindo o fio do enredo, que é longo e pode acabar gerando desinteresse, caso esse recurso não fosse empregado.

---

<sup>43</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:  
[https://drive.google.com/file/d/1we\\_DXli7vrQkL54v1h\\_QHGODZcs0B9vv/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1we_DXli7vrQkL54v1h_QHGODZcs0B9vv/view?usp=share_link).

intro: D7M(9)

B7 Em7 A7 D7M(9)  
**Outro dia eu fui parado pela polícia rodoviária**

B7 Em7  
**E o Claudemir falou**  
 A7 D7M(9)  
**Quero ver o que tem na mala**

B7 Em7  
 Já chegou com a mão na arma

A7 F#m7  
 Nem deu tempo de pensar

B7 Em  
 Falou: "encosta ali do lado"

A7 D7/9/11  
 Que eu quero verificar

G7M  
 Vocês tão muito suspeitos

Gm6 F#m7  
 Fizeram o retorno na contramão

B7 Em  
 Fora esse cheiro aí de dentro

A7 D7M(9)  
 Pode descer pra averiguação

B7 Em7 A7 D7M(9)  
**Outro dia eu fui parado pela polícia rodoviária**

B7 Em7  
**E o Claudemir falou**  
 A7 D7M(9)  
**Quero ver o que tem na mala**

B7 Em7  
 Eu quero ver se tem droga

A7 F#m7  
 Eu quero ver se tem arma

B7  
 Eu quero ver se não tem  
 Em7 A7 D7/9/11

Um corpo esquartejado na mala

G7M  
 Já passamo os documento

F#m7  
 Ele não quis ver a habilitação

B7 Em7  
 Foi logo pegando os instrumento

A7 D7M(9)  
 Pediu pra tira as corda do violão

B7 Em7  
 Esculhambou nossas mala  
 A7 F#m7  
 Só nos fez passar vergonha  
 B7 Em7  
 Jogou nossas roupa no chão  
 A7 D7/9/11  
 Encontrou nossa maconha

G7M  
 Quanto mais ele procurava  
 Gm6 F#m7  
 Mais ia ficando pistola  
 B7 Em7  
 “Aí fode gurizada  
 A7 D7M(9)  
 Eu não paro de achar droga”

B7 Em7 A7 D7M(9)  
**Outro dia eu fui parado pela polícia rodoviária**  
 B7 Em7  
**E o Claudemir falou**  
 A7 D7M(9)  
**Quero ver o que tem na mala**

B7 Em7  
 Pegou tudo quanto é droga  
 A7 F#m7  
 Menos álcool e cigarro  
 B7 Em7  
 Revirou até os tomate  
 A7 D7/9/11  
 Quase rasgou o banco do carro

G7M  
 Queriam nos levar preso  
 Gm6 F#m7  
 Por um pouco de baseado  
 B7 Em7  
 Mas no fim deu tudo certo  
 A7 D7M(9)  
 Só com o termo circunstanciado

B7 Em7 A7 D7M(9)  
**Outro dia eu fui parado pela polícia rodoviária**  
 B7 Em7  
**E o Claudemir falou**  
 A7 D7M(9)  
**Quero ver o que tem na mala**

B7 Em7  
 Nois só queria ir pra praia  
 A7 F#m7  
 Jogar altinha fazer um pagode  
 B7 Em7  
 Fumar um fino com os amigo  
 A7 D7/9/11  
 E a polícia vê se pode

G7M  
 Com tanta coisa pra fazer  
 Gm6 F#m7  
 Parando os guri na estrada  
 B7 Em7  
 Tirando nossa maconha  
 A7 D7M(9)  
 Nos deixando sem nada

B7 Em7  
 Inda por cima no final  
 A7 F#m7  
 O claudemir teve a audácia de falar  
 B7 Em7  
 Eu sei que vocês vão comprar mais  
 A7 D7M(9)  
 Então fumem tudo antes de voltar

B7 Em7 A7 D7M(9)  
**Outro dia eu fui parado pela polícia rodoviária**  
 B7 Em7  
**E o Claudemir falou**  
 A7 D7M(9)  
**Quero ver o que tem na mala**

### 3.7. Pomba de POA - Vitor Tesler<sup>44</sup>

Essa canção foi escrita em 2020, em meio a pandemia da Covid-19. Quando o isolamento social ainda estava em vigor, eu costumava passar os finais de tarde na varanda da minha casa, tocando violão. Era um momento em que musicistas locais preponderavam em minhas escutas e práticas, como Vitor Ramil, Marcelo Delacroix, Lupicinio Rodrigues, Paola Kirst, Juliano Guerra, entre outros. Em um melancólico poente de outono, o lusco-fusco azul característico contrastava os prédios ao redor do meu com as copas das árvores da Redenção. Observei por alguns minutos as pombas que voavam para se proteger onde quer que se abriguem à noite. Dedilhei os acordes simples, uma harmonia comum, em uma levada de ritmo composto (6/8) e exercitei uma escrita realista, descrevendo as coisas à minha volta que, naquele momento, se mostravam mais valiosas do que nunca. Pequenos prazeres como uma água fervendo para o chá, uma poesia, o vento e o sereno (orvalho) são descritos na letra da música. Existe uma ironia na letra da canção, no verso que sugere que tanto a Pomba quanto eu, não saberíamos para onde ir. A pomba desenvolve, ao longo dos primeiros meses de vida, uma espécie de sensor, que sempre a guia para o lugar onde ela passa esse tempo. Portanto, apesar de fazer longos voos e frequentar ambientes diferentes, a pomba sempre sabe como voltar para "casa", e uma hora ou outra acaba sempre voltando.

A letra termina com desejos da época, de poder novamente sair na rua, encontrar as pessoas queridas, no tempo certo, afinal o momento pedia cautela. A música "Horizontes"<sup>45</sup>, de Flávio Bicca Rocha, pode ser considerada uma grande referência para essa composição. Horizontes foi a música-tema do espetáculo *Bailei na Curva*, do qual minha mãe fez parte, em 1980. Portanto, é uma canção que sempre esteve presente em minha casa e sua letra e melodia já tinham sido internalizadas por mim. As duas canções possuem alguma

---

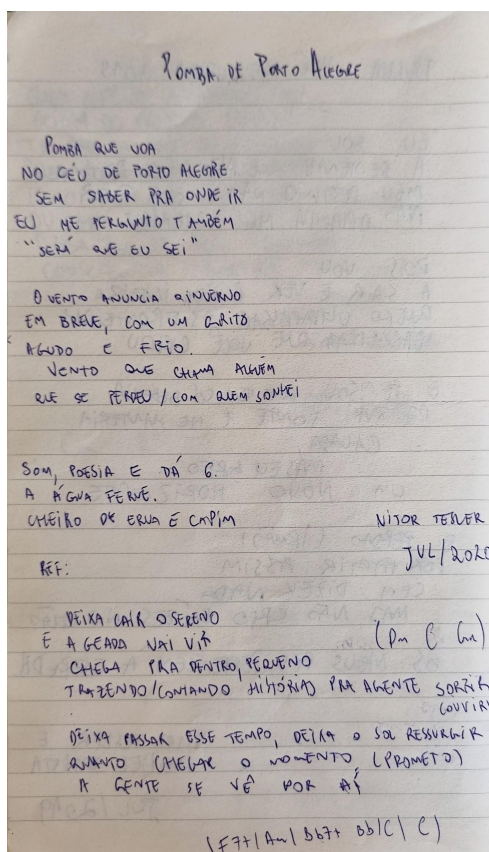
<sup>44</sup> Registro de áudio da canção antes da produção:  
[https://drive.google.com/file/d/1OqeZLB3bGy2Eko5hh1yWКУoMuAD98pKp/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1OqeZLB3bGy2Eko5hh1yWКУoMuAD98pKp/view?usp=share_link).

<sup>45</sup> Disponível em: <https://youtu.be/9Dr2eRF7qZE>.



semelhança no desenho harmônico, mas mais ainda na frase final: em Horizontes, "eu não vou me perder por aí"; em Pomba, "a gente se vê por aí".

“Pomba de POA” foi a canção que consolidou a ideia de temática do EP. Antes dela, existia apenas “Romance no Centro Histórico”. Já nos primeiros versos da música, a menção explícita ao nome Porto Alegre dava continuidade a uma fórmula até então não planejada. Essa música reflete sobre um futuro até então com mais incertezas do que de costume. Versa e conversa com meus próximos passos, sobre a simplicidade do presente e dos objetos e práticas que compunham minha rotina naquele momento.



(foto da letra original em um caderno de composições)

intro: F Am Bb7M Bb/C C7

F Am Bb7M C7

Pomba que voa no céu de Porto Alegre

F Am Bb7M

Sem saber para onde ir

Dm C7 Bb7M

E eu me pergunto também:

Am Bb7M

Será que sei?

F Am Bb7M C7

O vento anuncia o inverno em breve

F Am Bb7M

Com um grito agudo e frio

Dm C7 Bb7M

Vento que chama alguém

Am Bb7M

Com quem sonhei

F Am Bb7M

Som, poesia e dá seis:

Bb/C C7

A água ferve

F Am Bb7M

Cheiro de erva e capim

Dm C7 Bb7M

Deixa cair o sereno

Am Gm F

E a geada vai vir

Dm C7 Gm

Chega pra dentro pequeno

Am Bb F

Contando histórias pra a gente ouvir

Dm C7 Bb7M

Deixa passar esse tempo

Am Gm F

Deixa o sol ressurgir

Dm C7 Gm

Quando chegar o momento (prometo)

Bb C7 F

A gente se vê por aí

## 4. PROCESSO DE GRAVAÇÃO

### 4.1 Pré-produção

No início do semestre letivo de 2022/2 (final de novembro), comecei a estudar a melhor maneira de fazer o processo de gravação. Existia a vontade de gravar com banda e convidar várias pessoas diferentes para fazerem parte do processo. Porém, com a chegada de dezembro, o recesso e os meses de verão se aproximando, vi que a ideia de envolver muitas pessoas e suas diferentes agendas em um projeto com prazo de entrega, era inviável. Eu mesmo tinha uma viagem de família marcada muito tempo antes, que faria eu me ausentar por todo mês de fevereiro, praticamente.

Surgiu então a ideia de formar uma banda fixa, que envolvesse 3 ou 4 pessoas e que construíssem, de maneira coletiva, o arranjo das músicas. Existia a possibilidade de gravar todas as faixas ao vivo, ou seja, uma captação onde todos os integrantes da banda tocam e gravam ao mesmo tempo - o que demanda muito ensaio e entrosamento. No intuito de testar essa possibilidade, na sexta-feira, dia 16 de dezembro de 2022, fiz um ensaio no estúdio Audio Porco, localizado no bairro Cidade Baixa, com meus colegas e amigos André Bocchese (violão), Dy Ferranddis (baixo) e Gabriel Batista (teclado). Nesse ensaio eu apresentei meu projeto e re-apresentei minhas composições, as quais eles já conheciam a maioria. No registro<sup>46</sup> de áudio e vídeo, disponibilizado pelo estúdio, é possível ouvir as conversas, dúvidas e combinações sobre as canções. Tocamos as sete músicas da maneira que era possível. Nesse ensaio, apesar de eu tocar percussão, percebi a falta que faria uma bateria para as gravações, e eu ainda não havia encontrado ninguém que tivesse aceitado participar. Uma semana depois, na quinta-feira dia 22/12/2022, realizamos mais um ensaio<sup>47</sup> no Áudio Porco. Dessa vez sem o André Bocchese, por conflito de horários, eu assumi o violão, e ficou mais evidente ainda a falta que um instrumento de ritmo fazia naquela formação. Apesar

---

<sup>46</sup> Registro de áudio e vídeo disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/17yKd53-bi-fXdJqmvCI3hoKL8h0zsKmm/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/17yKd53-bi-fXdJqmvCI3hoKL8h0zsKmm/view?usp=share_link).

<sup>47</sup> Registro de áudio e vídeo disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1838OmP-rTZ5r0qc73JeYi3nMkGKnO\\_t3/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1838OmP-rTZ5r0qc73JeYi3nMkGKnO_t3/view?usp=share_link).

dessas ausências, tocamos mais de uma vez todas as músicas, repassando suas harmonias e convenções. Foram momentos muito importantes para eu perceber como as músicas estavam soando da maneira que eu as apresentava. Além disso, algumas ideias que surgiram ali foram incorporadas posteriormente nas gravações.

Logo depois da virada do ano, em 4 de janeiro de 2023, explorando outras possibilidades para o desenvolvimento do trabalho, tive uma reunião com o produtor Duda Raupp, com quem tive contato através da disciplina de Prática Musical em Conjunto, em 2022/1. Durante esse primeiro contato, já havíamos conversado sobre o meu projeto de graduação e sobre uma possível participação dele, afinal eu já conhecia e admirava seu trabalho.

Duda Raupp é artista, produtor musical e multi-instrumentista. Formado em Música Popular na UFRGS, trabalha com produção musical desde 2019. Duda já produziu com artistas da cena nacional de Rap, R&B, Pop e MPB, como: Rashid, Kamau, niLL, Cristal, Zudizilla, etc. Seu trabalho mais recente foi a pós-produção e mixagem do álbum "Garcia", do rapper manauara Victor Xamã, no qual também assinou a produção de 4 faixas, sendo uma delas "Vigésimo Andar", com participação de Luedji Luna. Duda tem seu projeto solo como artista do selo Foco Na Missão, e já reúne, desde 2020, o lançamento de 2 EPs autorais.

A reunião aconteceu na casa do Duda, uma bela casa com ares de antiquário e um pequeno estúdio na parte de trás, além de uma sala de produção no andar de cima. Nesse primeiro encontro, falei sobre o conceito, as referências e as diretrizes do EP. Apresentei minhas referências gerais e as específicas de cada faixa que faria parte do trabalho - a sonoridade desejada e os meios que iríamos usar para chegar nesse resultado. O Duda falou sobre a ideia de construirmos os arranjos das músicas em dupla, antes de seguir ensaiando com o resto da banda. Assim, teríamos maior liberdade criativa e uma ampliação nas possibilidades de timbres, orquestração, convenções, etc.

Por não querer depender de outras pessoas para a realização do projeto, considerando o fato de que estávamos no mês de janeiro e o trabalho precisaria estar pronto até o final de março, decidi seguir o conselho do produtor, e combinamos de gravar 5 das 7 músicas que iriam compor o EP, ficando prontas até o prazo estabelecido: final de março, início de abril. A partir

da semana seguinte, começaríamos então a desenvolver as ideias lá mesmo, em seu escritório, na casa da Rua 3 de Maio, número 229. Quando precisássemos gravar algo mais definitivo, poderíamos usar o estúdio localizado lá mesmo, além da parceria com o Estúdio Nektar, para a gravação das vozes. Com o intuito de terminar todas as guias até o final de janeiro, estabelecemos as datas dos encontros seguintes e combinamos a ordem que iríamos seguir para desenvolvê-las a tempo.

Devido à agenda ocupada, o Duda só conseguiria produzir 5 das 7 músicas que eu pretendia gravar para o Projeto de Graduação. Então, procurei outros produtores que poderiam contribuir da mesma maneira para conseguir contemplar a quantidade de faixas pensadas inicialmente.

Uma das músicas que escolhi para ser produzida por outra pessoa foi “Última Vez”, por eu achar que se tratasse de um idioma completamente diferente das demais, por o funk ser um estilo que, atualmente, é carregado de sons eletrônicos ou eletronicamente modificados, utilizando timbres propositalmente artificiais.

No dia 26 de janeiro, tive a primeira reunião com Antônio Chaves, a quem conheci na mesma disciplina de Prática Musical em Conjunto, em 2022/1. O encontro aconteceu na produtora Sick Skunk, localizada na histórica vila IAPI, em Porto Alegre.

Antônio é um compositor, produtor musical e estudante do Bacharelado em Música Popular da UFRGS. Começou a produzir suas próprias músicas em um *home studio* (estúdio caseiro) em 2018 e, a partir de 2020, integrou o coletivo Sickskunk e passou a produzir outros artistas. O estúdio do coletivo é localizado no bairro Passo D’Areia, do lado da pista do IAPI - que é um local histórico da cultura urbana e do skate porto-alegrense. o coletivo de produtores e artistas da Sickskunk se envolveu cada vez mais com o hip hop e com outros estilos musicais que envolviam beats (como funk e r&b) e no ano passado estiveram presentes junto com artistas que produzem no estúdio em dois dos grandes festivais de rap nacional: Rap In Cena e Cena 2k22. Pensei no Antônio para produzir “Última vez” por conhecer seu trabalho e saber que ele é familiarizado com estilos como rap, trap, o funk e suas diversas variações.

Durante o andamento do trabalho, pensei em excluir uma música do projeto, afinal eu havia fechado a produção de 6 delas, sendo 7, a ideia inicial.

“Pomba de POA” ficaria, então, de fora. Durante a minha viagem, em fevereiro, para visitar meu irmão, mostrei todas as músicas do EP para ele, algumas já com guias mais desenvolvidas e outras menos. Em meio a essa apresentação, mostrei também a música que ficaria de fora do projeto, sendo uma das que ele mais gostou. Tive então a ideia de incluir a música no projeto da mesma maneira que eu reproduzia para o Pedro naquele momento: apenas voz e violão, explorando essa sonoridade que tanto combina com a melancolia expressada na composição e que envolve seu processo de criação.

Já no mês de março, concomitantemente às gravações das outras faixas, conversei com minha amiga e colega Dy Ferrandis, que esteve sempre ao meu lado nos projetos ao longo do curso de graduação, e combinamos de fazer a gravação de “Pomba de POA” da maneira descrita acima, com voz e violão, na casa dela, que também já fez trabalhos de produção musical, ainda que mais pontuais em relação à Duda Raupp e Antônio Chaves.

Dy Ferrandis é baixista, operadora de áudio e pesquisadora. Começou seus estudos de contrabaixo acústico aos 14 anos e desde 2019 atua na cena de Porto Alegre, mesmo ano ingressou no curso de Música Popular da Ufrgs. Toca baixo acústico e elétrico. Compôs e gravou recentemente os baixos de músicas como “Retratos” de Ana Matielo, “Volta” de Karol Engel e “Cacilda” de Clarissa Ferreira. Participou de coletivos de mulheres, como o bloco de carnaval Não Mexe Comigo que eu não ando Só e grupo/coletivo sonoro e de pesquisa Sônicas. É também integrante da banda Groove das Gu, onde atua como baixista, produtora e idealizadora.

## **4.2. Horas de Estúdio I - As canções**

### **01. Romance no Centro Histórico<sup>48</sup>:**

O dia 31 de janeiro foi uma sessão atípica. Esse era nosso último encontro antes da viagem que eu fazia em fevereiro, e voltaríamos a nos encontrar apenas em março, faltando um mês para a entrega final do projeto

---

<sup>48</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/01-romance-no-centro-historico?si=fd8625d8ca144743b0defeaa9b3e987b&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/01-romance-no-centro-historico?si=fd8625d8ca144743b0defeaa9b3e987b&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

de graduação. Devido ao maior tempo utilizado para desenvolvimento de “Laranja com Maracujá”, precisávamos contemplar, nessa mesma tarde de terça-feira, as duas músicas que não havíamos começado a trabalhar: “Romance no Centro Histórico” e “Samba do Atrache”.

Para a primeira música, lembrei da referência máxima da música “Construção”, de Chico Buarque de Hollanda. Porém, eu tinha também uma ideia a ser desenvolvida que anteriormente não havia sido pensada - em outros momentos que arranjei coletivamente essa canção. A melodia e harmonia do refrão me remeteram, em algum momento, à sonoridade do tango e ao seu ritmo marcado pelos *staccatos* - quando as notas soam por determinado tempo e depois seu decaimento natural é interrompido proposital e abruptamente. Vinda dessa nova percepção, uma outra referência passou a ser levada em conta: a música “Sementes”<sup>49</sup>, de Di Melo.

Tivemos a ideia de um andamento de velocidade reduzida no início da música e utilizamos um *mellotron*<sup>50</sup> programado para criar o timbre de uma flauta em gravações antigas. Todo esse trecho remete às gravações das décadas iniciais do século passado, com timbres como a marimba e um violão com um leve chiado e sonoridade “trêmula”.

Nesse primeiro encontro conseguimos gravar apenas a guia de voz e violão e programar a parte introdutória da música, que mudaria de andamento assim que a primeira estrofe começasse.

No primeiro dia do mês de março, voltamos a nos reunir para dar continuidade à construção da música. Apesar da composição ser originalmente um samba, que teria a parte percussiva composta por surdo, pandeiro e tamborim, optamos por deixar essa levada apenas na introdução. Com o início do verso, adicionamos uma levada de bateria mais “reta”, característica de estilos como o pop e rock, sem o uso das síncopes como figura principal como no samba.

Seguindo nossas referências, tivemos a ideia de inserir também violinos, que dariam a característica do tango, no refrão. Buscamos o timbre desejado e Duda criou uma frase dramática para o intervalo das partes (repetição do refrão e transição para a segunda estrofe). Depois de programadas as cordas do

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://youtu.be/dWIDruJivO0>.

<sup>50</sup> Teclado eletromecânico polifônico.

refrão, achamos coerente que elas aparecessem também na introdução, contribuindo para o clima melancólico e dramático desejado. Além dos violinos, Duda gravou também a guitarra, que faz frases ao longo da música inteira. Nesse momento sugeri que ele tomasse a liberdade de fazer um solo de guitarra ao final da música, que terminaria de reconfigurar todo o estilo da canção, porém de maneira que eu achei interessante, afinal, a ideia da mistura de influências sempre foi uma prerrogativa essencial nesse trabalho.

Por fim, Duda me propôs que adicionássemos um “*riser*” - ruído que surge crescendo até ser abruptamente interrompido - antes da mudança de estilos causada pelo refrão, para que a transição fizesse sentido e eu concordei com a ideia.

Combinamos de gravar as percussões definitivas da faixa com algum colega percussionista, para contribuir para a dinâmica das estrofes e, principalmente, do tango, que até então estava sem percussão. Para essa gravação, contatei o percussionista e colega Antônio Olivé, que aceitou de prontidão. Além disso, assim como nas outras músicas, regravaríamos a voz por último.

## **02.Laranja com Maracujá<sup>51</sup>:**

No dia 23 de janeiro, uma segunda-feira, fizemos nossa primeira sessão do período da noite: das 18 às 22 horas. A música a ser desenvolvida nesse encontro - Laranja com Maracujá - era de maior complexidade do que as trabalhadas anteriormente, fosse pelo seu tamanho e quantidade de partes ou pelo estilo do *Reggae*, com o qual o Duda não tinha tanta familiaridade, se deparando com tarefas desafiadoras como, por exemplo, a composição da levada de bateria.

Começamos, como de costume, com a gravação que serviria de base para a guia. Diferentemente das outras faixas, gravei a guitarra acompanhando a voz, me atentando às características do estilo que me influenciou no momento de composição dessa canção.

---

<sup>51</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/02laranja-com-maracuja?si=d790b80cddb24bf8b62b8abe048059cc&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/02laranja-com-maracuja?si=d790b80cddb24bf8b62b8abe048059cc&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)



Junto a essa gravação, surgiu a vontade de antecipar o refrão, não deixando ele apenas no final da música, mas trazendo uma repetição que ajudaria a dar mais dinâmica à faixa que até então apresentava uma linearidade que poderia facilmente perder a atenção do ouvinte. A partir dessa antecipação e repetição do refrão, tivemos a ideia de transformá-lo em uma fuga do reggae, alternando com o xote, proporcionado pela mudança de instrumentação na percussão. Construímos então a levada do xote programando triângulo, zabumba e reco-reco. A transição não causava estranheza, pois os dois ritmos possuem o seu tempo forte no tempo 2 do compasso.

Estabelecida a estrutura da música, Duda gravou as linhas de baixo, como sempre, de maneira muito criativa. Novamente a bateria criada anteriormente, que não estava soando tão convincente, começou a fazer mais sentido à medida que as melodias de baixo eram construídas. Logo depois do baixo, construímos as aparições do sintetizador, elemento que também é muito comum no *reggae* atual. Num primeiro momento, o sintetizador desempenhou um importante papel de preenchimento das transições entre as estrofes e para o refrão.

Nesse dia, talvez pelo período alternativo e pelas outras dificuldades anteriormente apresentadas, não conseguimos finalizar a construção do arranjo da faixa, e tivemos que alterar nosso planejamento, dedicando também a sessão que viria a seguir para melhor acabamento desse projeto.

Na quinta-feira da mesma semana, dia 27 de janeiro, demos continuidade ao trabalho na faixa “Laranja com Maracujá”. Com as ideias do início da semana amadurecidas, Duda partiu logo para a gravação de uma guitarra melódica, utilizando o pedal “wah-wah” todo aberto, causando um timbre específico do gênero e fazendo frases para preencher também os momentos de transição e criar a preparação para essas mudanças. Dessa gravação, surgiu uma frase de introdução que não tinha sido pensada antes e agora pode ser ouvida, realizada pela guitarra e pelo baixo, em meio à uma virada de bateria que dá início à primeira estrofe. Essa frase seria repetida depois do primeiro refrão e ao final da música de maneira reduzida.

Logo após o refrão, a fim de causar mais uma quebra de expectativas e de dinâmica, incorporamos quase um minuto do que pode se chamar de um

*dub* (sub-gênero do *reggae*) instrumental. Logo quando pensamos nesse momento, concordamos que seria muito interessante chamar algum sopro para agregar à sonoridade dessa composição. Diferentemente de outros instrumentos, Duda afirmou que não ficaria com a qualidade desejada adicionar sopros programados em vst (instrumento digital).

Posteriormente, no dia 1º de março, confirmamos também a necessidade da gravação de uma bateria que não fosse programada, e sim tocada por um baterista que seria convidado. Chamei então o baterista Márcio Pêxi, da banda Diretoria, que tem vasta experiência com o estilo e já trabalhou em diversas bandas do gênero.

Além da bateria, combinamos de gravar as vozes definitivas e os sopros desejados posteriormente. Para essa música convidei também Kity Poffo para a composição das linhas de sopro.

### **03. Aqui ou Lá<sup>52</sup>:**

Na quarta-feira, dia 18 de janeiro, Duda Raupp e eu fizemos a segunda sessão de construção dos arranjos das músicas do EP. A canção que trabalhamos nesse dia foi “Aqui ou Lá”, como anteriormente definido em nosso calendário.

Diferentemente da outra faixa, quando eu cheguei na casa do Duda e ele já tinha algo construído, pela ideia que mandei pra ele, dessa vez a gente começou tudo do zero. Começamos gravando uma guia de voz e violão.

Assim como na outra música, um *take* já serviu para pegar a referência necessária, dado que posteriormente gravaríamos novamente para a versão definitiva. Decidimos a tonalidade da música, já que eu tinha dúvida em qual região minha voz soava melhor para esse som. Eram duas opções, pois a composição original havia sido feita em torno do tom de Ré maior, mas naquela época eu explorava também a possibilidade de transpô-la para o tom de Mi maior. Optamos pela tonalidade mais grave, a original, por abrigar um desenho específico de acordes, que não funcionava tão bem na outra tonalidade.

---

<sup>52</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/03-aqui-ou-la?si=ad8ab69f18bd4a7a8d625d426f66876c&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/03-aqui-ou-la?si=ad8ab69f18bd4a7a8d625d426f66876c&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

Fizemos uma levada na bateria construída na controladora, arranjada em conjunto e posteriormente adicionamos também um *shaker*, gravado por mim, ali mesmo, para dar corpo à parte rítmica da música. Quando Duda gravou as linhas de baixo, a bateria começou a fazer mais sentido, e então as ideias foram surgindo. Inserimos um breque muito sutil no segundo 40 da faixa, interrompido por um som agudo de sino, que em minha opinião deu uma dinâmica muito interessante à estrofe inicial. Logo depois adicionamos pequenas frases de piano em uma região aguda, com um timbre que pode até lembrar um xilofone, se misturando sonoramente com o sino que soa no início do trecho.

Na segunda estrofe da música, Duda gravou uma guitarra que soa mais rítmica, com uma sonoridade que lembra as frases neste instrumento da banda Natiruts (ex: guitarra de “Sorri, sou rei”<sup>53</sup>). Também escolhemos continuar explorando aqui, o piano anteriormente apresentado, que desempenha um papel harmônico, alternando com poucas frases em que dobra a melodia realizada pela voz. Aqui resolvemos destacar o uso dos acordes diminutos e expandir essa sonoridade de tensão proporcionada pela quinta diminuta, contrastando com a linearidade e estabilidade do resto da música.

Na última estrofe, que surgiu no final de 2022, depois de eu ter considerado a música finalizada anteriormente, conseguimos dar mais destaque a essa sensação de quebra da linearidade, com a alteração de harmonia proporcionada pelo acorde de dó maior com nona, que aparece apenas nesse momento da música. Além disso, o uso do carrilhão e da variação de levada da bateria, colaboraram com a construção da sonoridade pretendida. Posteriormente, utilizamos o carrilhão em outros momentos também, mas acabamos ficando em dúvida quanto a frequência do seu uso. Decidimos deixar a decisão para o momento final de mixagem, já que o nosso tempo era sempre limitado dada a capacidade reduzida de nossas agendas lotadas.

Por fim, voltamos ao início para introduzir um som ambiente nos primeiros segundos de música. Eu queria tentar reproduzir o som do final de tarde na orla do guaíba, e para isso o Duda usou o site “*Splice*”, onde ele tem acesso a diversos sons diferentes: ambientações, midis, instrumentos em VST

---

<sup>53</sup> Disponível em: [https://youtu.be/8Xv6FZ\\_6V60](https://youtu.be/8Xv6FZ_6V60).

(*Virtual Studio Technology*)<sup>54</sup>, timbres, etc. Esse recurso foi usado algumas outras vezes ao longo do processo.

Assim como a faixa anterior, deixamos para gravar as vozes definitivas posteriormente.

#### **04.Quarto Vazio<sup>55</sup>:**

A primeira sessão de produção foi marcada para quinta-feira, dia 12 de janeiro de 2023, na casa do Duda. Começamos às 14 horas e fomos ininterruptamente até o fim da tarde, às 18 horas. Decidimos começar por “A volta”- música que o Duda mais gostou logo de cara -, apesar de eu ter poucas ideias sobre o que eu queria para o arranjo.

Baseado no áudio anteriormente enviado - apenas com voz e violão - e nas referências conversadas, antes mesmo de eu chegar para a sessão, Duda fez um *groove* de baixo e bateria, de base, para construirmos o som. A ideia era fazer um *groove* que fosse “brazuca”, valendo-se do uso de síncopes e da levada específica do samba-rock na guitarra, mas que, ao mesmo tempo, explorasse texturas diferentes, pela sonoridade da melodia e pelo ambiente mais sombrio criado pela escala menor harmônica utilizada para a composição da música em questão. Uma das principais referências para esse *groove* foi “Tradição”<sup>56</sup>, na versão de Elza Soares, para o álbum “Planeta Fome” (2019).

Logo que eu cheguei, Duda me mostrou o *groove* que ele tinha feito, usando o “Logic” como “Daw”, a programadora dele, para programar a bateria, e a interface “Focusrite Scarlett 2i2” para captação do baixo que ele mesmo tocou. Enquanto eu ouvia a levada construída até então, toquei violão e cantei junto com o áudio, para ver como ficaria como base para o resto da música.

Depois da escuta inicial, gravamos uma guia de violão e voz para dar sequência à construção do arranjo. Logo depois da gravação do primeiro violão, nos demos conta de que uma guitarra soaria melhor, então gravei a guitarra base. No embalo da gravação de guitarra, o Duda gravou uma guitarra

---

<sup>54</sup> Tecnologia de Estúdio Virtual.

<sup>55</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/04-quarto-vazio?si=352a9f7cf3f7408fb22199908060e669&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/04-quarto-vazio?si=352a9f7cf3f7408fb22199908060e669&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

<sup>56</sup> Disponível em: <https://youtu.be/3PNFmt6zttY>.

melódica e acabou criando um tema instrumental que casou muito bem com o resto da música, aparecendo mais de uma vez entre os versos e em diferentes instrumentos e timbres.

Através da gravação da segunda guitarra, criamos então um momento entre a segunda estrofe e a volta para a primeira, onde se pode ouvir a instrumentação completa e apreciar o *groove*. Junto da guitarra, adicionamos também um sintetizador - tocado pelo Duda através da controladora - e também um naipe de cordas que faz uma nota contínua - também programada combinando um *plug-in* e a controladora. Para dar mais molho e trazer a brasilidade desejada à percussão, adicionamos as congas, programadas pelo Duda utilizando um MIDI, baixado através do site “Splice”.

Na volta para a primeira estrofe, Duda sugeriu um efeito de rádio na voz, diminuindo as frequências agudas e graves e enfatizando as frequências médias - onde a sonoridade fica mais abafada, gerando uma variação de timbre e dinâmica, que logo se desfaz com a abertura gradual das frequências.

Decidimos voltar com o violão, mas apenas no início da terceira estrofe, gerando uma grande quebra de dinâmica na música que, até então, ainda estava muito linear.

Logo depois dessa quebra de dinâmica, fizemos uma convenção, onde todos os instrumentos realizam um breque duplo para possibilitar o retorno da maior dinâmica, ouvida anteriormente. Na repetição das últimas duas estrofes, soam juntos todos os instrumentos que até então estavam separados, ou então sem a voz, sendo o momento de maior dinâmica, e terminando com o violão que inicia a segunda parte.

Tivemos a ideia de gravar naipes de sopro na parte instrumental, mas o estúdio na casa do Duda não permitia uma gravação da qualidade que gostaríamos e nenhum de nós toca instrumentos de sopro. Então combinamos de chamar alguém pra gravar em um estúdio mais adequado para essa parte.

Também pelo mesmo motivo, não gravamos lá a voz final, que gravaríamos quando as outras músicas estivessem com esse mesmo processo inicial de construção concluído.

O trabalho de gravação com o Duda nesse dia se mostrou muito fluido e com diálogo acessível. Apesar do nosso pouco tempo hábil, ele teve paciência

para escutar e atender minhas preferências e também explicar suas sugestões e trazer suas críticas de maneira sensível e construtiva.

Combinamos de gravar posteriormente as vozes definitivas e um possível naipe de sopros. Para a segunda tarefa, contatei meu antigo professor de teclado e amigo, Kity Poffo<sup>57</sup>, que toca Saxofones tenor e alto e flauta.

### **05.Última Vez<sup>58</sup>:**

No dia 26 de janeiro, tive o primeiro encontro com Antônio Chaves. Logo na primeira sessão de 4 horas, apresentei as referências de sonoridade desejada para a canção. “Não Me Entrego Pros Caretas”<sup>59</sup>, da banda Lamparina, surgiu como uma referência inicial, por ser um funk tendendo mais ao estilo acústico - com poucos timbres eletrônicos e uma batida marcada, porém de maneira mais leve e com timbres mais orgânicos. Outras referências apareceram de maneira definitiva, como no bpm escolhido em 150, fazendo referência a nomes como Kevin o Chris - funkeiro do Rio de Janeiro - que consagrou esse andamento praticamente como um subgênero do funk em 2019.

Utilizando o microfone AKG p220 e interface de áudio *apollo twin*, gravamos uma guia de voz e violão e depois fomos construindo o “beat” que traria o idiomatismo do *funk* para a faixa em questão. A *DAW* (Digital Audio Workstation, software de gravação e produção) utilizada foi o *Ableton*. Terminamos a primeira parte da música e combinamos de fazer mais duas sessões para finalizá-la por completo, incluindo a gravação definitiva da voz.

No dia 2 de fevereiro, aproveitando o feriado, demos seguimento à produção da faixa. Terminamos a estrutura da canção, fazendo uma ponte instrumental entre a primeira volta e sua repetição. Na segunda volta da música, optamos por mudar alguns aspectos de dinâmica, como a antecipação da batida mais presente e marcada, para proporcionar maior variedade. Com o mesmo intuito, adicionamos mais um refrão ao final, incluindo a influência do

---

<sup>57</sup> Músico multi instrumentista e professor formado em Música pelo Centro Universitário Metodista IPA.

<sup>58</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/05-ultima-vez?si=4022993ca4aa4bd0b1375391c6c227be&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/05-ultima-vez?si=4022993ca4aa4bd0b1375391c6c227be&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

<sup>59</sup> Disponível em: <https://youtu.be/-DLyUK4PjYs>

funk melódico, característico do chamado “funk BH”, subgênero advindo de Belo Horizonte.

### **06.Samba do ataque<sup>60</sup>:**

Essa foi a música do projeto que teve sua construção de maneira mais distinta: no mesmo dia 31 de janeiro, quando tivemos as primeiras ideias para “Romance no Centro Histórico”, gravamos também uma guia de violão e voz para “Samba do Atrache”. Pela limitação do tempo e pelo idiomatismo do estilo dessa música, não programamos nenhum instrumento virtual e nem gravamos guitarra nem baixo.

Combinamos que o processo dessa música seria conduzido ao longo do momento que viria a seguir, quando gravaríamos com as pessoas que convidei para participar do projeto. Além disso, por ser um samba de partido alto, sentíamos que havia pessoas que estariam mais aptas a gravar a parte instrumental. Em reunião de orientação com a Professora Luciana, ela me sugeriu que eu contatasse o cavaquinista Fabio “Cabelinho” para a gravação do cavaquinho, e possibilitou o contato com o músico e também colega do Bacharelado em Música Popular, que aceitou participar já na semana seguinte. Para o violão, chamei o amigo e colega André Bocchese, que já conhecia a música e poderia executá-la sem maior necessidade de escuta prévia. Também para essa faixa, combinei a gravação da percussão com o Antônio Olivé, que gravaria todos os instrumentos que compõem a levada de um samba de raiz (surdo, pandeiro, tamborim).

### **07.Pomba de POA<sup>61</sup>:**

Na semana seguinte à finalização das gravações das seis faixas produzidas por Duda e Antônio, fui à zona sul de Porto Alegre, no bairro Camaquã, para a gravação da canção “Pomba de POA”, em um pequeno

---

<sup>60</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/06-samba-do-ataque-1?si=4ddc7bac3eaa4d7c9d8b7549172ef160&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/06-samba-do-ataque-1?si=4ddc7bac3eaa4d7c9d8b7549172ef160&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

<sup>61</sup> Faixa disponível em:

[https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/07-pomba-de-poa-1?si=d1dfb23d76c04afc8f24f2fe70832b3d&utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/vitor-tesler-671461589/07-pomba-de-poa-1?si=d1dfb23d76c04afc8f24f2fe70832b3d&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

estúdio localizado na casa da sogra de minha amiga Dy Ferranddis. Lá, utilizando o *Reaper* como *DAW*, gravamos o violão e a voz da canção, executados por mim. Anteriormente, já havia planejado que essa faixa tivesse apenas essa orquestração simples, tanto pela falta de tempo, quanto pela ambientação da canção, escrita em um momento melancólico de isolamento social. Era de meu interesse que a canção soasse caseira, portanto, não nos importamos tanto com a limpeza do som, principalmente o do violão, e gravamos tudo em *takes* ininterruptos da canção inteira. Já com a voz, devido à experiência recente de gravação, fui um pouco mais preciosista e pedi à Dy que gravássemos alguns trechos separadamente para melhor resolução.

Essa canção figura atualmente no EP como uma faixa bônus, pois está atrelada ao resto do trabalho pelo seu conteúdo, porém carrega uma sonoridade própria e distinta das outras faixas. Em “Pomba de POA”, todos os timbres variados que são ouvidos ao longo das canções apresentadas não estão presentes, dando lugar ao silêncio e destaque aos detalhes do som do violão e da minha voz.

#### **4.3. Horas de Estúdio II - Gravações e participações**

No dia 1 de março, planejamos as gravações que seriam necessárias envolvendo outros instrumentistas, a fim de conferir maior naturalidade a algumas canções. Gravaríamos então, a partir da sexta-feira, dia 3 de março, instrumentos não virtuais que sentimos necessidade, como sopros, percussões, violão e cavaquinho.

##### **03/03 - Sexta feira, 9 às 12 horas.**

No estúdio localizado na casa do Duda, realizamos a gravação de percussão com Antonio Olivé para duas faixas: “Samba do Atrique” e “Romance no Centro Histórico”. Na primeira delas utilizamos o tantan, pandeiro, tamborim, agogô e um reco-reco improvisado, feito com um ralador de cozinha e uma vassourinha de bateria. Para a segunda canção, gravamos pandeiro, tamborim e bombo leguero, remetendo aos ritmos cisplatinos, aos quais fazemos referência nessa faixa. Para realização dessas gravações



utilizamos o condensador de cápsula pequena RODE NT5.



*(Antônio Olivé gravando o reco-reco improvisado para “Samba do Atraque”); (André Bocchese gravando o violão para “Samba do Atraque”).*

### **10/03 - Sexta Feira, 14 às 18 horas.**

Gravação de violão com André Bocchese realizada também no estúdio do Duda. Novamente através do condensador RODE NT5, a captação foi feita em algumas horas, já que André conhecia a música, pelos ensaios feitos em dezembro. Apesar disso, antes da gravação, com auxílio da Professora Luciana, mudamos partes da harmonia da música, adicionando alguns acordes idiomáticos do samba para explorar melhor o desenvolvimento dos versos. André rapidamente se adaptou à nova harmonia e criou algumas frases nas cordas mais graves para a levada do violão, que no samba faz também o papel desempenhado pelo baixo nas outras faixas.

### **13/03 - Segunda Feira, 18 às 22 horas.**

Planejamos anteriormente adicionar sopros às canções “Laranja com Maracujá”, “Quarto Vazio” e “Samba do Atraque”. No dia 13 de março aconteceu a gravação de saxofone tenor e flauta transversa, tocados por Kitty Poffo. Nas primeiras duas faixas, Kitty fez “naipes”, realizando frases conjuntas em mais de uma região do sax. As frases foram sugeridas por mim e pelo Duda

de acordo com o que já havíamos planejado, sofrendo também alguns ajustes à medida em que foram sendo reproduzidas. Em “Samba do Atrque”, realizamos alguns “takes” de gravação da faixa inteira e Kity foi improvisando frases na flauta transversa. Posteriormente analisamos o que havia sido gravado e selecionamos as ideias que nos agradaram. Para a captação dos sopros foi usado o microfone condensador AT2020.

### **15/03 - Quarta Feira, 13 às 15 horas.**

Contamos nesse dia com o apoio do cavaquinista Fábio Cabelinho, com quem tive contato através da professora Luciana Prass. Não nos conhecíamos anteriormente e tampouco ele conhecia a música, porém aceitou de prontidão fazer parte do projeto. Devido à sua notável experiência com choro e samba, executou a gravação do cavaquinho para “Samba do Atrque” sem maiores dificuldades, visto também a simplicidade harmônica e a estrutura comum entre os sambas de partido alto, onde o refrão é apresentado no início e repetido ao longo da canção, intercalado por versos, na maioria das vezes, improvisados. Cabelinho seguiu a guia feita anteriormente, já com as gravações de percussão e violão, o que facilitou sua adaptação e proporcionou ideias de frases melódicas imitando o violão. Foram necessários apenas 2 takes da canção completa para finalizar a gravação.



*(Fábio Cabelinho gravando o cavaco e Duda Raupp na produção); (Kity Poffo gravando a flauta transversa de “Samba do Atrque” e Duda Raupp na produção).*

**16/03 - Quinta Feira, 18 às 22 horas.**

Depois de duas sessões para estruturar a canção e construir seu “beat” envolvendo várias camadas, no dia 16 gravei com o Antônio a voz definitiva para o funk “Última Vez”. A gravação foi feita no estúdio da produtora Sick Skunk, utilizando o microfone AKG p220. Além da gravação da voz principal, adicionamos também algumas vozes secundárias que são ouvidas ao fundo, também executadas por mim.



*(meu olhar na gravação: microfone e mesa de produção, no dia da gravação de voz).*

**17/03 - Sexta Feira, 9 às 14 horas.**

Para a gravação definitiva das vozes, Duda preferiu não gravar no estúdio localizado em sua casa. Em vez disso, gravamos no estúdio Nektar, no bairro Cidade Baixa, com o qual ele tem uma parceria de trabalho. Para a captação própria da voz, utilizamos o microfone condensador Neumann TLM 103 e o compressor e equalizador de áudio Avalon VT 737SP. O preparador vocal, Rodrigo Hirsch, com quem eu havia feito duas sessões de preparação vocal para as gravações, compareceu também ao estúdio nesse dia, com a função de me auxiliar na técnica vocal e também nos arranjos vocais que surgiram com o andamento das gravações. Nessa manhã, gravei as vozes das faixas “Quarto Vazio” e “Aqui ou Lá” - as quais já estavam mais avançadas no processo de gravação e mixagem.



*(compressor utilizado na captação da voz);*



*(microfone utilizado na captação da voz).*

### **17/03 - Sexta Feira, 16 às 19 horas.**

Na tarde do mesmo dia, nos deslocamos até o Centro Cultural da UFRGS, no campus centro, para a gravação da bateria de “Laranja com Maracujá”. Lá fomos auxiliados por Dy Ferranddis, bolsista que atua como técnica de som nos estúdios localizados dentro do Centro Cultural. Foi necessária a organização do espaço para a gravação, e decidimos mover a bateria do local que estava, a fim de fugir ao máximo possível do som advindo da movimentada avenida Engenheiro Luiz Englert. Depois de montada a estrutura de gravação, Márcio Pêxi chegou ao estúdio A trazendo apenas sua caixa de bateria e pratos de ataque e condução. De resto, utilizamos os equipamentos fornecidos pela universidade em seu estúdio. Por ser uma faixa complexa, a execução da bateria era igualmente complicada, pois trazia a mistura de três estilos e, portanto, levadas diferentes. Por consequência dessa variação, a música também é composta por algumas convenções específicas, que precisaram ser marcadas pelo produtor no andamento da gravação<sup>62</sup>.

<sup>62</sup> Passagem de som para a gravação da bateria de “Laranja com Maracujá”, no estúdio A do Centro Cultural da UFRGS. Aparecem Dy na técnica, Pêxi na bateria e Duda na captação e produção, disponível em:



**20/03 - Segunda Feira, 19 às 23 horas.**

Nesse dia de finalização das gravações com Duda Raupp, novamente no Estúdio Nektar, gravamos as vozes das três outras faixas restantes: "Romance no Centro Histórico", "Samba do Atraque" e "Laranja com Maracujá". Pelo tempo reduzido e maior quantidade de canções a serem gravadas, nesse dia fomos relativamente menos preciosistas em relação ao resultado das gravações. Apesar disso, fiquei satisfeito com o resultado. "Laranja com Maracujá" foi o maior desafio desta sessão, pois é uma música com vocal mais complexo, que utiliza muitos saltos melódicos e variação entre regiões aguda e grave. Já as duas outras faixas não apresentaram grandes dificuldades em relação à execução. Nestas duas canções, gravei também outras vozes além da principal, chegando à composição de um coro de diferentes timbres e alturas para o refrão de "Samba do Atraque".



*(sala de gravação das vozes no Estúdio Nektar)*

#### 4.4. Mixagem e masterização

Ao longo do processo de produção e gravação das faixas com o Duda, ele se preocupou em ir desenvolvendo a mixagem das faixas de maneira antecipada, de modo com que, depois de realizadas todas as gravações, o trabalho fosse mais prático e efetivo. Devido à limitação de recursos e de tempo, o produtor desse projeto atua também na mixagem, masterização, como técnico de áudio nas gravações e como compositor de diversas frases de baixo, guitarra, sintetizador e diversos outros instrumentos programados.

Duda utiliza a plataforma *Logic* para seu trabalho, além das interfaces da *Scarlett Focusrite 2i2* e *Focusrite 18i20*.

Devido à prática da mixagem antecipada, consegui imprimir minhas preferências e sonoridades que me agradavam ou não, o que deu uma diretriz para o Duda nos momentos posteriores quando eu já não estava mais junto, durante esse processo de mixagem.

Dois dias depois de nossa última gravação de voz, em 20 de março, Duda viajou para São Paulo a trabalho, e terminou o processo de mixagem desde lá, de maneira mais individual, mas sempre me enviando os projetos na medida em que ficavam prontos, me consultando quanto ao resultado e aberto a críticas e sugestões de mudanças.

A mixagem da faixa produzida pelo Antônio também foi realizada por ele, assim como a masterização. Tal qual o Duda, ele foi realizando o processo à medida em que gravamos, assim, quando as gravações foram finalizadas, a mixagem já estava encaminhada para a definição.

Da mesma maneira em que ofereceu auxílio para a gravação da faixa, Dy também foi a responsável pela mixagem e masterização de “Pomba de POA”, produzindo por completo essa canção que pode ser considerada uma “faixa bônus” do EP, dada a diferença de orquestração e sonoridade em relação às outras canções do trabalho.

O resultado apresentado neste projeto está ainda aberto a mudanças posteriores de mixagem e masterização, com a finalidade de lançamento nas plataformas digitais de áudio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto deste Projeto de Graduação em Música Popular é o resultado de mais do que os meses de concepção, criação e produção do mesmo. O trabalho apresentado aqui é consequência dos anos de contato informal com a música e dos oito semestres de estudos e vivências proporcionados pelo curso de Música da Universidade. A oportunidade de realizar um primeiro trabalho profissional de composição e produção fonográfica de canções foi muito importante para meu desenvolvimento como músico.

O processo de descrição que consta aqui nestas páginas também detém grande relevância, criando, além do contato com a área acadêmica, a prática de análise frente às manifestações artísticas de cunho pessoal. A premissa de um trabalho que contemplasse os âmbitos conceituais discutidos na graduação me conduziu a pensar de maneira mais objetiva, a compor a totalidade da obra de maneira coerente, e a ser capaz de sistematizar e discorrer sobre o assunto. A leitura de Projetos de Graduação escritos por musicistas já graduados, como Gabriela Lery e Ângelo Primon, orientados pela Professora Luciana Prass, foi enriquecedora, pelo contato com o conteúdo dos trabalhos de colegas da área e também pela necessidade de compreensão da estrutura do Projeto.

A prática de gravação das canções, tanto na pré-produção quanto nas horas de estúdio, foi um estudo final de extrema relevância no meu currículo da graduação. Com exceção da gravação realizada no segundo semestre, essa foi uma área pouco contemplada ao longo do curso, portanto, essa foi uma oportunidade essencial para meu desenvolvimento nesse nicho.

As produções foram finalizadas nos últimos dias do mês de março, e o resultado foi sendo apresentado a alguns ouvintes ocasionais (amigos e família), que ficaram satisfeitos com o resultado, assim como eu, a professora Luciana e os produtores Duda, Antônio e Dy. Acredito que conseguimos contemplar as referências apresentadas, a sonoridade desejada assim como o conceito criativo que envolvia o EP.

Para o lançamento, ainda está aberta a possibilidade de mudanças que surgirem a partir de uma escuta atenta e espaçada. Além disso, existe o desejo de uma construção audiovisual para melhor apresentação do projeto nas redes

sociais e plataformas digitais. Por ora, o resultado deve ser revisado e estudado para ser lançado nos próximos meses com melhor aproveitamento. Nesse processo, pretendo apresentar o resultado atual a mais ouvintes, assim como a profissionais capacitados a me auxiliar na construção da identidade visual do trabalho.

A viabilidade de minha graduação se deve à existência do ensino público, direito que deve ser mantido e incentivado a toda população através de políticas públicas que garantam a qualidade das instituições federais. O Projeto de Graduação aqui apresentado só foi possível graças à orientação cuidadosa e presente da Professora Luciana Prass, que me auxiliou em todas as áreas do trabalho com sugestões, questionamentos e reflexões que foram de extrema relevância para a criação deste trabalho.



**Ficha Técnica:****Romance no Centro Histórico:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Vozes: Vitor Tesler de Souza.

Violão: Vitor Tesler de Souza.

Pandeiro/Tamborim/Bombo Leguero: Antônio Olivé.

Programação: Duda Raupp.

Guitarra/Baixo: Duda Raupp.

Produção: Duda Raupp.

Porto Alegre, 2023.

**Laranja com Maracujá:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Voz: Vitor Tesler de Souza.

Guitarra/Baixo: Duda Raupp.

Sintetizador/Orgão: Duda Raupp.

Bateria: Marcio Pêxi.

Flauta Transversal/Saxofone Tenor: Kity Poffo.

Produção: Duda Raupp.

Porto Alegre, 2023.

**Aqui ou Lá:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Violão: Vitor Tesler de Souza.

Vozes: Vitor Tesler de Souza.

Guitarra/Baixo: Duda Raupp.

Teclado: Duda Raupp.

Programação: Duda Raupp.

*Shaker*: Vitor Tesler de Souza.

Produção: Duda Raupp.

Porto Alegre, 2023.

**Quarto Vazio:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Vozes: Vitor Tesler de Souza.

Violão: Vitor Tesler de Souza.

Guitarra/Baixo: Duda Raupp.

Programação: Duda Raupp.

Sintetizador: Duda Raupp.

Flauta Transversal/Saxofone Tenor: Kity Poffo.

Produção: Duda Raupp

Porto Alegre, 2023.

**Última Vez:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Vozes: Vitor Tesler de Souza.

Violão: Vitor Tesler de Souza.

*Beat:* Antônio Chaves.

Produção: Antônio Chaves.

Porto Alegre, 2023.

**Samba do Atrache:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Vozes: Vitor Tesler de Souza.

Violão: André Bocchese.

Cavaquinho: Fabio Cabelinho.

Tantan/Pandeiro/Tamborim/Agogô/Reco-reco: Antônio Olivé.

Flauta Transversal: Kity Poffo.

Produção: Duda Raupp.

Porto Alegre, 2023.

**Pomba de POA:**

Letra/Música: Vitor Tesler de Souza.

Voz/Violão: Vitor Tesler de Souza.

Produção: Dy Ferranddis.

Porto Alegre, 2023.

**REFERÊNCIAS:**

BORGES, Gabriela Lery. **"Roda-Gigante": da composição das canções à performance pública**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

CRUZ, Arlindo. **O meu Lugar**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2007.

DIRETORIA. **Divisão Total e Real das Riquezas da Alma**. Porto Alegre: Orbeat Music, 2001.

GIL, Gilberto Passos Moreira. **Aquele Abraço**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1969.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Construção**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1971..

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Rosa dos Ventos**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1970.

KIRST, Paola. **Costuras que me Bordam Marcas na Pele**. Porto Alegre: Escápula Records, 2018.

KUSCHICK, Mateus Berger. **Suingue, Samba-rock e Balanço: músicos, desafios e cenários**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

LAMPARINA. **Não Me Entrego Pros Caretas**. Rio de Janeiro: MangoMusik, 2019.

LIVRE, Expresso. **Equinócio**. Porto Alegre: Estúdio Gorila, 2016.

LOPES, Luis Vagner. **Lá no Partenon**. Rio de Janeiro: Copacabana Records, 1976.

LOPES, Luis Vagner. **Simples**. São Paulo: Warner Music, 1974.

LOPES, Luis Vagner. **Swingante**. São Paulo: Paradoxx Music, 2001.

MAGRIÇA, Choque do. **Tailaiala**. Rio de Janeiro: Gravadora Embolacha, 2013.

MARTINS, Antônio José Santana "Tom Zé". **Augusta, Angélica e Consolação**. São Paulo: Warner Music, 1973.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. Brasília: MUSIMED, 1996.

MELO, Di. **A Vida Em Seus Métodos Diz Calma**. São Paulo: Odeon Records, 1975.

MELO, Di. **Sementes**. São Paulo: Odeon Records, 1975.

NASCIMENTO, Milton. **Louva a Deus**. São Paulo: Warner Music, 1997.

NATIRUTS. **Sorri, Sou Rei**. São Paulo: Unimar Music, 1998.

PEREIRA, Maurício. **Modão de Pinheiros**. São Paulo: Lua Music, 1998.

PRIMON, Angelo. **Ciclos e Arcos Rítmicos como Estrutura no Processo Composicional**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

ROCHA, Flávio Bicca. **Horizontes**. Porto Alegre, 1983.

SOARES, Elza. **Tradição**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2019.

VANZOLINI, Paulo. **Ronda**. São Paulo: Odeon, 1977.

VELOSO, Caetano. **Sampa**. São Paulo: Universal Music, 1978.

VINTE, Mc L da. **Parado no Bailão**. Belo Horizonte: Funk Explode Records, 2018.

## ANEXOS

### Áudios:

Registro original voz e violão (Aqui ou Lá):

[https://drive.google.com/file/d/1MxOLIPN8-Lc\\_NGejIKVgO80kqtlauQRL/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1MxOLIPN8-Lc_NGejIKVgO80kqtlauQRL/view?usp=share_link).

Registro original voz e violão (Laranja com Maracujá):

[https://drive.google.com/file/d/14Qxhu-UaCyrN7n\\_vJeVZkdCecdWNjH06/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/14Qxhu-UaCyrN7n_vJeVZkdCecdWNjH06/view?usp=share_link).

Registro original voz e violão (Pomba de POA):

[https://drive.google.com/file/d/1OqeZLB3bGy2Eko5hh1yWKUoMuAD98pKp/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1OqeZLB3bGy2Eko5hh1yWKUoMuAD98pKp/view?usp=share_link).

Registro original voz e violão (Quarto Vazio):

[https://drive.google.com/file/d/1Z3AXn-QzA5R1DnLmYxY77rcWleH8-NLh/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1Z3AXn-QzA5R1DnLmYxY77rcWleH8-NLh/view?usp=share_link).

Registro original voz e violão (Romance no Centro Histórico):

[https://drive.google.com/file/d/1hXRZk-ZYz33-MM0ddWTH9KcZMTfd5RMI/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1hXRZk-ZYz33-MM0ddWTH9KcZMTfd5RMI/view?usp=share_link).

Registro original voz e violão (Samba do Atraque):

[https://drive.google.com/file/d/1we\\_DXli7vrQkL54v1h\\_QHGODZcs0B9vv/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1we_DXli7vrQkL54v1h_QHGODZcs0B9vv/view?usp=share_link).

Registro original voz e violão (Última Vez):

[https://drive.google.com/file/d/1\\_j6jgY3qmwVnnZnMAfUtaEK0ACGzJj57/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1_j6jgY3qmwVnnZnMAfUtaEK0ACGzJj57/view?usp=share_link).

### Vídeos:

Apresentação na Qorpo Santo (Romance no Centro Histórico):

<https://youtu.be/erupLHkH4wA>.

Composição antiga (Ele Te Ama): <https://youtu.be/65Sxb59RuZE>.

Composição antiga (Mãe): <https://youtu.be/5utPpPx5dRE>.

Ensaio no Estúdio Áudio Porco 16/12/2022:  
[https://drive.google.com/file/d/17yKd53-bi-fXdJqmvCl3hoKL8h0zsKmm/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/17yKd53-bi-fXdJqmvCl3hoKL8h0zsKmm/view?usp=share_link).

Ensaio no Estúdio Áudio Porco 22/12/2022:  
[https://drive.google.com/file/d/1838OmP-rTZ5r0gc73JeYi3nMkGKnO\\_t3/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1838OmP-rTZ5r0gc73JeYi3nMkGKnO_t3/view?usp=share_link).

Passagem de som da bateria no Centro Cultural da UFRGS:  
[https://drive.google.com/file/d/17g7BAB-MAZ8PeV-chPmOcBIBQMUjPbU8/view?usp=share link](https://drive.google.com/file/d/17g7BAB-MAZ8PeV-chPmOcBIBQMUjPbU8/view?usp=share_link).

Prática Coletiva II no Estúdio Soma (Onde Isso Vai Chegar):  
<https://youtu.be/AIPnVKvsceo>.